

Nossa Cidade

Texto de Thornton Wilder

Tradução de Elsie Lessa

PERSONAGENS

DIRETOR DE CENA

DR. GIBBS

JOE CROWELL

HOWIE NEWSOME

SRA. GIBBS

SRA. WEBB

GEORGE GIBBS

REBECCA GIBBS

WALLY WEBB

EMILY WEBB

PROFESSOR WILLARD

SR. WEBB

MULHER NO BALCÃO

HOMEM ALTO NO FUNDO DA PLATÉIA

DAMA NUM CAMAROTE

SIMON STIMSON

SRA. SOAMES

GUARDA WARREN

SI CROWELL

JOGADORES DE BEISEBOL

SAM CRAIG

JOE STODDARD

ASSISTENTES DO DIRETOR DE CENA

**Toda a peça se passa em Grover's Corners, New
Hampshire, de 1901 a 1913.**

ATO I

Nenhuma cortina. Nenhum cenário. Os espectadores, ao chegarem, vêem o palco vazio, à meia-luz. O Diretor de Cena, de chapéu e com um cachimbo na boca, entra e começa colocando uma mesa e diversas cadeiras na frente, à esquerda, mesa e cadeiras na frente, à direita. “Esquerda” e “direita” devem ser entendidas do ponto de vista do ator encarando a platéia. “Para cima” é na direção da parede do fundo. À medida que as luzes vão diminuindo, ele termina de arranjar o palco e, encostado ao pilar direito do proscênio, aguarda a chegada dos últimos espectadores. Quando a platéia estiver completamente escura, fala.

DIRETOR DE CENA – Esta peça chama-se *Nossa Cidade*. Foi escrita por Thornton Wilder, produzida e dirigida por fulano... **(ou, produzida por fulano e dirigida por sicrano.)** Nela tomam parte as senhoritas X, Y, Z, e os senhores A, B, C e várias outras pessoas. O nome da cidade é Grover's Corners, Estado de New Hampshire, exatamente do outro lado da linha divisória com o Estado de Massachusetts: 42 graus e 40 minutos de longitude e 70 graus e 37 minutos de latitude.

O primeiro ato mostra um dia em nossa cidade. É o dia 7 de Maio de 1901. A hora, um pouco antes do romper da manhã. **(Um galo canta.)** O céu está começando a mostrar estrias de luz para os lados do leste, atrás das nossas montanhas. A estrela d'alva sempre tem um brilho mais bonito um instante antes de desaparecer. **(Olha-a por um momento, depois se dirige ao fundo do palco.)** Bom, é melhor que eu mostre a vocês como é nossa cidade.

Aqui, isto é, paralela à parede, é a Main Street. Lá longe, fica a estação da estrada de ferro; os trilhos vão naquela direção. O bairro polonês é do outro lado os trilhos. **(Para a esquerda.)** Para lá é a igreja congregacional; do outro lado da rua, a presbiteriana. A metodista e a unitária, mais além. A batista é lá embaixo, perto do rio. A igreja católica é lá adiante, do outro lado dos trilhos. Aqui, juntos, a prefeitura e os correios, a cadeia fica no porão. O célebre orador Bryan uma vez fez um discurso do alto destes degraus. Por aqui fica uma série de lojas, tendo na frente postes de amarrar cavalos.

O primeiro automóvel aparecerá dentro de cinco anos – pertencendo ao banqueiro Cartwright, nosso conterrâneo mais

rico... mora naquela casa branca, no alto da colina. Aqui fica o empório, e aqui a farmácia do Senhor Morgan. Quase todo o mundo dá uma passada por essas casas, uma vez ao dia. A escola pública está adiante. E o ginásio, mais adiante ainda.

A um quarto para as nove da manhã, ao meio-dia e às três da tarde, a cidade inteira ouve a algazarra que vem dos pátios dessas escolas. **(Aproxima-se da mesa e das cadeiras, na frente, à direita.)** Aqui é a casa do nosso médico, o Doutor Gibbs. Esta é a porta dos fundos. **(Duas grandes arcadas são empurradas para o palco, uma de cada pilar do proscênio.)** Aqui está um cenário para aqueles que acreditam que é preciso haver cenário. A horta... milho... ervilha... feijão... malva... e bastante bardana. **(Cruza o palco.)** Naquele tempo, o nosso jornal saía duas vezes por semana – *A Sentinela* de Grover's Corners. Aqui é a casa do diretor, Senhor Webb. O jardim do Senhor Webb. Igual ao do Senhor Gibbs, só que tem uma porção de girassóis. Neste lugar, uma alta palma-christi. **(Volta ao seu lugar, ao lado direito do proscênio, e fita a platéia por um momento.)**

Uma boa cidade, vocês sabem? Tanto quanto nossa memória alcança, ninguém muito importante nasceu aqui. As lápides mais antigas do cemitério são de 1670-1680 – são os Grovers, os Cartwright, os Gibbs e os Hersey – os mesmos nomes ainda hoje giram em torno de nós. Bom, como disse, está quase rompendo a manhã. As únicas luzes acesas na cidade são as de um bangalô perto dos trilhos, onde uma mulher polonesa acabou de dar à luz um par de gêmeos. E na casa de Joe Crowell, onde o Joe Júnior está se levantando para entregar o

jornal. Também na estação, onde Shorty Hawkins está se preparando para dar passagem ao 5,45 que vai para Boston. **(Ouve-se um apito de trem. O Diretor de Cena tira o relógio e sacode a cabeça, confirmando.)**

Naturalmente, fora da cidade – em toda a redondeza – as luzes estão acesas há algum tempo, onde estão ordenhando as vacas, etc. Mas o pessoal da cidade dorme até tarde. Portanto, outro dia começou.

Aí vem agora o Doutor Gibbs, descendo a Main Street, voltando daquele caso dos gêmeos. Eis sua esposa descendo à cozinha para preparar o café. O Doutor Gibbs morreu em 1930. O novo hospital leva o seu nome. A Senhora Gibbs morreu primeiro – de fato, há muito tempo. Foi visitar sua filha Rebecca, casada com um homem que trabalhava em seguros, em Ganton, Ohio, e lá morreu – pneumonia -, mas seu corpo foi trazido para cá. Está lá no cemitério – ao lado de uma porção de Gibbs e de Hersey -, ela se chamava Julia Hersey antes de se casar com o Doutor Gibbs, ali na igreja congregacional.

Em nossa cidade gostamos de saber o que acontece com todo mundo. – Eis o Doutor Gibbs. E aí vem Joe Crowell Jr, entregando *A Sentinela*, do Senhor Webb. **(O Doutor Gibbs veio da esquerda e ao longo da Main Street. No ponto em que virara para se aproximar de sua casa, ele pára; larga sua valise preta imaginária, tira o chapéu e esfrega o rosto, cansado, usando um enorme lenço. A Senhora Gibbs já entrou na cozinha, executou os movimentos de quem coloca lenha no fogão, acende-o e prepara o café. Repentinamente, Joe Crowell Jr surge na Main Street, vindo**

da direita, atirando jornais imaginários nas portas das casas.).

JOE – Dia, Doutor Gibbs.

DOUTOR GIBBS – Dia, Joe.

JOE – Alguém doente, Doutor?

DOUTOR GIBBS – Não. Gêmeos que nasceram no bairro polaco.

JOE – Quer o jornal agora?

DOUTOR GIBBS – Quero: me dê. Há alguma novidade importante no mundo desde quarta-feira?

JOE – Há, sim, senhor. Minha professora, Senhorita Foster, vai se casar com um sujeito de Concord.

DOUTOR GIBBS – Não diga! Que é que vocês acham disso?

JOE – Bom: naturalmente isto não é de minha conta, mas acho que já que uma pessoa quer ser professora, deve continuar sendo professora.

DOUTOR GIBBS – Como vai o joelho, Joe?

JOE – Está bom, Doutor, nunca me dá trabalho. Só que, como o senhor disse, ele sempre me avisa quando vai chover.

DOUTOR GIBBS – E hoje o que é que ele está dizendo? Vai chover?

JOE – Não, Senhor.

DOUTOR GIBBS – Com certeza?

JOE – Sim, Senhor.

DOUTOR GIBBS – E o joelho nunca se enganou?

JOE – Não, Senhor. **(Joe sai. O Doutor Gibbs fica parado, lendo o jornal.)**

DIRETOR DE CENA – E aí vem Howie Newsome entregando o leite. **(Howie Newsome vem pela Main Street, passa pelo Doutor Gibbs, vem para frente, pelo centro do palco, deixa algumas garrafas na porta dos fundos da casa do Senhor Webb e cruza o palco em direção à do Senhor Gibbs.)**

HOWIE – Ôsha, Bessie! O que é que está acontecendo? Dia, Doutor.

DOUTOR GIBBS – Dia, Howie.

HOWIE – Alguém doente?

DOUTOR GIBBS – Um par de gêmeos na casa de Goruslawski.

HOWIE – Gêmeos, hein? Cada ano a cidade cresce mais.

DOUTOR GIBBS – Acha que chove - Howie?

HOWIE – Não, não. Vai fazer um dia lindo, com um sol de rachar. Vamos, Bessie.

DOUTOR GIBBS – Como vai, Bessie? **(Afaga-a.)** Que idade tem ela, Howie?

HOWIE – Vai para dezessete. Bessie está toda atrapalhada com o caminho, desde que os Lockhart pararam de comprar o litro diário. Ela quer deixar lá o litro de leite como sempre, e fica reclamando comigo o caminho todo. **(Chega à porta dos**

fundos da casa do Doutor Gibbs. A Senhora Gibbs o espera.).

SENHORA GIBBS – Bom dia, Howie.

HOWIE – Dia, Senhora Gibbs. O Doutor vem descendo a rua.

SENHORA GIBBS – Bem! Parece que você está atrasado hoje.

HOWIE – Estou. Encrencou um negócio no separador. Não sei o que foi. **(Volta à Main Street, chama Bessie e sai pela direita. O Doutor Gibbs chega à sua casa e entra.).**

SENHORA GIBBS – Tudo bem?

DOUTOR GIBBS – Sim. Tudo. Fácil como se fossem gatinhos.

SENHORA GIBBS – O presunto fica pronto num instante. Sente-se e tome seu café. Crianças! Crianças! Hora de levantar. – George! Rebecca! – Você pode dormir um pouco esta manhã, não pode?

DOUTOR GIBBS – Hmm!... A Senhora Wentworth vem às onze. Acho que sei do que se trata. Seu estômago já não é o que devia ser.

SENHORA GIBBS – Se é assim, você não vai dormir mais do que três horas. Frank: não sei o que será de você. Gostaria de poder convencer você a tirar umas férias. Acho que lhe fariam bem.

SENHORA WEBB – Emily! Hora de levantar! Wally! Sete horas!

SENHORA GIBBS – É o que digo: você precisa falar com George. Parece que ele já não é mais o mesmo. Não me ajuda em nada. Nem consigo que me corte um pouco de lenha.

DOUTOR GIBBS – Ele anda respondão?

SENHORA GIBBS – Não! Ele só reclama. Só pensa naquele beisebol. George! Rebecca! Vão chegar atrasados à escola.

DOUTOR GIBBS – M-m-m...

SENHORA GIBBS – George!

DOUTOR GIBBS – George: apresse-se.

GEORGE (Voz fora) – Já vou, pai.

DOUTOR GIBBS (Saindo do palco) – Não está ouvindo sua mãe chamar?

SENHORA WEBB – Wally! Emily! Vão chegar atrasados à escola! Wally! Lave-se bem, senão subo e lavo-o eu mesma!

REBECCA (Voz fora) – Mãe, que vestido eu ponho?

SENHORA GIBBS – Não faça barulho. Seu pai esteve fora a noite toda e agora precisa dormir. Lavei e passei o azul para você.

REBECCA – Mãe: eu detesto aquele vestido.

SENHORA GIBBS – Ora, pare com isso.

REBECCA – Sempre vou para a escola feito um Judas.

SENHORA GIBBS – Não seja assim, Rebecca. Você vai sempre muito elegante.

REBECCA – Mamãe: o George está jogando sabão em mim.

SENHORA GIBBS – Eu vou aí e bato nos dois – é o que eu vou fazer. **(Soa um apito de fábrica. As crianças entram e tomam seus lugares à mesa de refeições. Emily e Wally Webb, George e Rebecca Gibbs.)**

DIRETOR DE CENA – Há uma fábrica também na cidade – e estão ouvindo? Fábrica de cobertores. Pertence aos Cartwright e rende uma fortuna.

SENHORA WEBB – Meninos! Não quero saber disso. O café é uma refeição tão boa quanto qualquer outra e não engulam tão depressa, sem mastigar. Isso atrapalha o crescimento. Largue esse livre, Wally.

WALLY – Ah, mamãe!

SENHORA WEBB – Você sabe disso muito bem – nada de livros à mesa. Para mim, prefiro meus filhos mais com saúde do que com inteligência.

EMILY – Eu tenho saúde e inteligência, não tenho mamãe? De todas as meninas de minha idade, na escola, sou a mais inteligente. Tenho ótima memória.

SENHORA WEBB – Coma.

WALLY – Eu também sou inteligente, quando estou lidando com minha coleção de selos.

SENHORA GIBBS – Falo com seu pai quando ele acordar. Me parece que vinte centavos por semana são suficientes para um

menino de sua idade. Garanto que não sei onde você gasta tanto.

GEORGE – Ah, mamãe, tenho tanta coisa que comprar.

SENHORA GIBBS – Refrigerantes – é nisso que você gasta todo o seu dinheiro.

GEORGE – Não sei como Rebecca consegue ter tanto dinheiro. Ela tem mais de um dólar.

REBECCA (Colher na boca, sonhadoramente) – Fui economizando pouco a pouco.

SENHORA GIBBS – Bem, minha filha: acho que é bom gastar um pouco de vez em quando.

REBECCA – Mamãe: sabe o que eu gosto mais no mundo, sabe? De dinheiro.

SENHORA GIBBS – Coma. **(Ouve-se o sino da escola.)**

AS CRIANÇAS – Mamãe: o primeiro sinal. Preciso sair correndo. Não quero mais.

SENHORA WEBB – Andem depressa, mas não precisam correr. Wally: arrume as calças no joelho. Emily: endireite as costas.

SENHORA GIBBS – E não se esqueça de dar nossos parabéns à Senhorita Foster pelo seu casamento, ouviu?

REBECCA – Sim, senhora.

SENHORA GIBBS – Você está muito bem, Rebecca. E não arraste os pés para andar.

TODOS – Até logo. (As crianças das duas casas reúnem-se no centro do palco e dirigem-se à Main Street, saindo pela esquerda. A Senhora Gibbs enche o avental com comida para as galinhas e vem para a ribalta.).

SENHORA GIBBS – Aqui: pio, pio, pio. Não, você não. Vá, vá embora. Que aconteceu? Brigar, brigar – é só o que vocês sabem. Hmm: você não é minha! Onde é que você veio? (Sacode o avental.) Ora, não sejam tão medrosas. Ninguém vai matar vocês. (A Senhora Webb está sentada perto das grades, descascando vagens.) Bom dia, Myrtle. Está melhor do resfriado?

SENHORA WEBB – Sim, estou, mas, como eu estava dizendo ao Charles, não sei como vou fazer para ir ao coro hoje à noite. Não adiantaria nada.

SENHORA GIBBS – Mesmo assim, acho que você devia ir, Myrtle, e experimentar.

SENHORA WEBB – Bom, se não estiver pior do que agora, provavelmente irei. Estou descascando essas vagens enquanto descanso.

SENHORA GIBBS (Arregaçando as mangas enquanto cruza o palco para uma prosa) – Deixe-me ajudar. As vagens estão boas este ano.

SENHORA WEBB – Vou pôr quarenta litros em conserva, nem que me mate. As crianças dizem que não gostam, mas são capazes de comer isto o inverno todo. (Pausa.).

SENHORA GIBBS – Sabe Myrtle, tenho que lhe contar uma coisa, porque se não contar isso a alguém, estouro.

SENHORA WEBB – O que é Julia Gibbs?

SENHORA GIBBS – Me dá mais um pouco de vagens, Myrtle. Algum daqueles compradores de móveis de segunda mão, de Boston, procurou você na quinta-feira passada?

SENHORA WEBB – Não.

SENHORA GIBBS – Bom, ele esteve em casa. A princípio pensei que fosse um dos clientes do Frank. Então ele foi entrando na sala de visitas, e, Myrtle, tão certo como eu estar sentada aqui, me ofereceu trezentos e cinqüenta dólares pela cômoda da avó Wentworth.

SENHORA WEBB – Não diga!

SENHORA GIBBS – Imagine! Aquela velharia! Era tão grande que nem sabia onde botá-la e quase dei para a prima Hester.

SENHORA WEBB – E você vai aceitar a oferta, não vai?

SENHORA GIBBS – Não sei.

SENHORA WEBB – Não sabe? Trezentos e cinqüenta dólares! O que é que você tem hoje?

SENHORA GIBBS – Se eu conseguisse que o Frank pegasse o dinheiro e fosse a algum lugar, fizesse uma viagem, eu venderia. Myrtle, desde que eu era deste tamanho, eu tenho pensado em conhecer Paris, a França. Bobagem minha.

SENHORA WEBB – Oh, eu sei como é isso. E o que é que o Doutor acha da idéia?

SENHORA GIBBS – Bem, já andei preparando o terreno e disse que, se recebesse uma herança – foi assim que expliquei o caso -, gostaria que ele me levasse a algum lugar.

SENHORA WEBB – Hmmm... E ele?

SENHORA GIBBS – Você sabe como ele é. Nunca o ouvi falar seriamente, desde que o conheço. Isso de andar viajando pela Europa, ele disse que poderia deixá-lo descontente com Grover's Corners, melhor ficar assim. Cada dois anos ele faz uma visita aos campos de batalha da Guerra Civil e acha que isso basta para qualquer um.

SENHORA WEBB – Pois é, e o Charles admira muito o conhecimento do Doutor Gibbs sobre a Guerra Civil. Ele estava até disposto a deixar de lado Napoleão e se interessar pela Guerra Civil, mas o Doutor, sendo um dos maiores entendidos no país, faz com que ele se sinta desanimado.

SENHORA GIBBS – É isso. O Frank nunca está tão contente como em Antietam ou Gettysburg. Quantas vezes eu andei sobre aquelas colinas, Myrtle, parando em cada arbusto e medindo tudo aquilo, como se fôssemos comprar.

SENHORA WEBB – Bem, se o tal homem quer realmente comprar, venda, Julia. E assim poderá conhecer Paris.

SENHORA GIBBS – Oh, bobagem minha. Só que acho que, ao menos uma vez na vida, a gente devia conhecer outro país,

onde não se fala e nem se pensa em inglês nem se tem vontade disso. **(O Diretor de Cena volta ao centro do palco.)**

DIRETOR DE CENA – Isso já é suficiente. Fico-lhes muito agradecido, minhas senhoras. **(A Senhora Gibbs e a Senhora Webb reúnem suas coisas, voltam às suas casas e desaparecem.)** Agora vamos saltar algumas horas do dia em Grover's Corners. Mas, antes de prosseguir, quero que vocês fiquem sabendo mais algumas coisas a respeito da cidade – várias coisas. Convidei o Professor Willard, da nossa Universidade Estadual, para vir aqui e dar-nos alguns detalhes de nosso passado – coisas de caráter científico, diriam vocês. O Professor Willard já chegou? **(O Professor Willard, tipo de sábio rural, pincenê com uma larga fita de cetim, entra pela direita, com algumas folhas de papel na mão.)** Apresento-lhes o Professor Willard, de nossa Universidade. Algumas rápidas palavras, Professor – infelizmente, nosso tempo é limitado.

PROFESSOR WILLARD – Grover's Corners... deixem-me ver... Grover's Corners se encontra nos velhos granitos arqueozóicos da Cadeia dos Apalaches. Pode-se dizer que é um dos terrenos mais antigos do mundo. Orgulhamo-nos muito disto. É cruzada por uma camada de basalto devoniano, apresentando vestígios de xisto mesozóico, com algumas aflorações de arenito – mas isto é mais recente: duzentos... trezentos milhões de anos de idade. Foram encontrados alguns fósseis interessantes... pode-se dizer: fósseis únicos... a duas milhas da cidade, no pasto de Silas Peckham. Podem ser vistos, a qualquer hora, no Museu de

nossa Universidade. Quer também as condições meteorológicas?

DIRETOR DE CENA – Se nos faz o favor, queremos sim.

PROFESSOR WILLARD – A precipitação mínima é de 40 polegadas. A temperatura média, mínima anual é de 43 graus Fahrenheit, variando entre 102 à sombra e 38 abaixo de zero no inverno. O... o... hmmm...

DIRETOR DE CENA – Muito obrigado, Professor. E o senhor tem aí as notas do Professor Gruber sobre a história da vida humana aqui?

PROFESSOR WILLARD – Hmmm... sim... dados antropológicos: antigos troncos ameríndios. Tribos Cotahatchee... nenhuma evidência anterior ao décimo século desta era... hmmm... atualmente desaparecida por completo... possíveis traços em três famílias. Migrações para os fins do século XVIII, do grupo braquicéfalo inglês, de olhos azuis... a maior parte. Desde aí, algumas correntes do tipo eslavo e mediterrâneo...

DIRETOR DE CENA – E a população, Professor Willard?

PROFESSOR WILLARD – Dentro do perímetro urbano: 2.640. O perímetro postal abrange 507 a mais. As médias de mortalidade e natalidade são constantes; pela tabela MacPherson: 6.032.

DIRETOR DE CENA – Muito obrigado, Professor. Ficamos-lhe imensamente agradecidos. Muito obrigado.

PROFESSOR WILLARD – De nada, de nada.

DIRETOR DE CENA – Por aqui, Professor, e, mais uma vez, muito obrigado. **(O Professor sai.)** Agora o relatório político e social: o diretor Webb – Oh, Senhor Webb?

SENHORA WEBB **(Aparece na porta dos fundos de sua casa)** – Ele vem já, já... Acabou de cortar o dedo, quando estava comendo uma maçã.

DIRETOR DE CENA – Obrigado, Senhora Webb.

SENHORA WEBB – Charles! Todo mundo está esperando. **(A Senhora Webb sai.)**

DIRETOR DE CENA – O Senhor Webb é o diretor e o redator-chefe do *Sentinela* de Grover's Corners. É o nosso jornal, vocês já sabem. **(O Senhor Webb surge, vindo de sua casa, vestindo um paletó. Traz o dedo amarrado com um lenço.)**

SENHOR WEBB – Hmmm... acho que não é necessário dizer que somos governados por um Conselho de Administração. Todas as pessoas do sexo masculino votam aos vinte e um anos. As mulheres votam indiretamente. Somos de classe média inferior, com um ou outro profissional liberal... Dez por cento dos trabalhadores são analfabetos. Politicamente, somos oitenta e seis por cento republicanos; seis por cento democratas; quatro por cento socialistas; o resto indiferente. Em matéria de religião, somos oitenta e cinco por cento protestantes, doze por cento católicos, o resto é indiferente. Quer a estatística de pauperismo e insanidade?

DIRETOR DE CENA – Não, muito obrigado. Tem algum comentário a fazer, Senhor Webb?

SENHOR WEBB – Uma cidade comum, se vocês querem saber. Talvez um pouco mais comportada que muitas outras. Provavelmente, um pouco chata. Mas nossa juventude parece gostar dela; noventa por cento da nova geração, depois de terminar o ginásio, prefere viver aqui – mesmo quando foram completar os estudos em outros lugares.

DIRETOR DE CENA – Muito obrigado. Agora, há alguém na platéia que queira fazer alguma pergunta ao Senhor Webb a respeito da cidade?

MULHER NO BALCÃO – Bebe-se muito em Grover's Corners?

SENHOR WEBB – Bom, minha senhora, não sei o que a senhora chama *muito*. Nos sábados à noite os trabalhadores do campo se reúnem no bar do Ellery Greenough e costumam berrar um pouco. E, mesmo eu, no dia 4 de Julho, toda a gente sabe que tomo um trago – e em outros feriados também. Temos um ou dois bêbados costumeiros, mas eles se mostram sempre muito arrependidos quando vem um pregador à cidade. Não, minha senhora, eu diria que o álcool não é muito freqüente em nossa vida, exceto para uso medicinal. É muito bom para mordida de cobra, a senhora sabe – e sempre foi.

HOMEM ALTO DO FUNDO DA PLATÉIA – Há na cidade alguém que se preocupe...

DIRETOR DE CENA – Chegue mais perto, por favor, para que possamos ouvir melhor. O que o senhor perguntou?

HOMEM ALTO – Há na cidade alguém que se preocupe com injustiça social e desigualdade industrial?

SENHOR WEBB – Ah, sim, todo mundo – é incrível. Parece que passam a maior parte do tempo falando sobre quem é rico e quem é pobre.

HOMEM ALTO – Então, por que não fazem alguma coisa?

SENHOR WEBB – Bom, estamos dispostos a ouvir as sugestões de todo o mundo, para fazer com que os sensatos trabalhadores subam, enquanto que os preguiçosos e briguentos cada vez afundem mais. E, enquanto isso não for conseguido, tentamos auxiliar os desprotegidos: os outros, deixamos em paz. Mais alguma pergunta?

DAMA NUM CAMAROTE – Oh, Senhor Webb! Senhor Webb: há cultura em Grover's Corners, ou amor à beleza?

SENHOR WEBB – Bem, minha senhora, não há muito. Não no sentido em que a senhora fala. Algumas meninas aprendem a tocar piano no princípio do ginásio, mas não gostam muito. Pude observar isso muito bem quando, nas escolas, fizeram minha filha ler o *Mercador de Veneza*. Parece tudo tão longe delas, a senhora compreende? Não, minha senhora, não há muita cultura, mas talvez esta seja a ocasião de lhe dizer que encontramos prazer em uma porção de coisas aqui: admiramos o sol surgindo atrás da montanha, e todos sabemos uma porção de coisas acerca dos pássaros. Damos muita atenção a eles, às árvores e às plantas. E observamos a mudança das estações: sim, todo mundo as conhece bem, mas a essas coisas – a senhora tem razão – não ligamos muito. *Robinson Crusoe*, Bíblia, o *Largo* de Handel, todos nós conhecemos. E o quadro *Mãe*, de Whistler. Isto é o máximo que atingimos.

DAMA – É o que eu pensava. Muito obrigada.

DIRETOR DE CENA – Muito bem! Muito bem! Muito obrigado a todos. **(O Senhor Webb sai.)** Vamos voltar à cidade agora. Estamos no meio da tarde. Todos os 2.640 já jantaram e toda a louça já foi lavada. É uma tarde tranqüila em nossa cidade; vem um murmúrio do prédio da escola; somente algumas charretes na Main Street – os cavalos sonolentos, amarrados aos postes; todos se lembram como é isto. O Doutor Gibbs está no consultório, batendo de leve nas costas das pessoas e fazendo-as dizer: “ah!” O Senhor Webb lá está, cortando o gramado; um homem, em dez, acha que é um privilégio lidar com a sua própria segadora. Não. É mais tarde do que pensei. As crianças já estão voltando da escola. **(Emily Webb desce serenamente a Main Street, carregando alguns livros escolares; demonstra alguns sinais de que se imagina uma dama de impressionante elegância. As idas e vindas de seu pai com a segadora levam-no à sua proximidade.)**

EMILY – Não posso Louis. Tenho que ir para casa ajudar mamãe. *Prometi.*

SENHOR WEBB – Emily: ande com naturalidade. Quem é que você pensa que é?

EMILY – Papai, o senhor é incrível. Uma hora me diz para andar direito, outra me xinga. Já nem mais presto atenção ao que o senhor diz. **(Beija-o abruptamente.)**

SENHOR WEBB – Puxa: é a primeira vez que ganho um beijo de uma dama importante assim. **(Desaparece. Emily se inclina e apanha algumas flores no portão de sua casa. George**

Gibbs vem descendo a Main Street. Atira uma bola a alturas vertiginosas e apanha-a novamente. Isto algumas vezes exige que ele dê meia dúzia de passos à retaguarda.).

GEORGE – Perdão, Senhora Forrest.

DIRETOR DE CENA (Como Senhora Forrest) – Vá jogar no campo, menino! Main Street não é lugar para se jogar beisebol.

GEORGE – Desculpe Senhora Forrest. Olá, Emily.

EMILY – Olá.

GEORGE – Você fez uma bonita palestra hoje na aula.

EMILY – Bem... Eu estava preparada para falar sobre a Doutrina de Monroe, mas, no último minuto, a Senhora Corcoran mandou que falasse sobre a compra da Louisiana. Eu tinha estudado bastante os dois assuntos.

GEORGE – Engraçado Emily. De minha janela, lá em cima, vejo sua cabeça de noite, quando você está no quarto fazendo as lições.

EMILY – Dá pra ver?

GEORGE – Acho você muito esforçada, Emily. Não entendo como pode ficar sentada todo aquele tempo, estudando. Creio que você gosta da escola.

EMILY – Bom, de qualquer maneira, é uma coisa pela qual se tem que passar.

GEORGE – É.

EMILY – No fundo, não ligo. Ajuda a passar o tempo.

GEORGE – É. Emily: tive uma idéia. Podíamos arranjar uma espécie de telégrafo daqui para lá e, de vez em quando, você poderia me auxiliar a resolver um ou outro daqueles problemas de álgebra. Não digo dar as respostas, Emily, decerto que não... mas só um auxílio...

EMILY – Acho que apenas um auxiliozinho é permitido... E... hmmm... quando você estive atrapalhado, assobie me chamando, tentarei ajudá-lo.

GEORGE – Acho você muito inteligente, Emily.

EMILY – Creio que a gente já nasce assim.

GEORGE – É. Mas você sabe, quero ser fazendeiro e meu tio Luke diz que, quando eu estiver disposto, posso ir trabalhar na fazenda com ele, e, se der certo, irei pouco a pouco ficando com ela.

EMILY – Com a casa e tudo? (**A Senhora Webb entra.**)

GEORGE – Tudo. Bom, obrigado... Vou para o campo de beisebol. Obrigado pela prosa, Emily. Boa tarde, Senhora Webb.

SENHORA WEBB – Boa tarde, George.

GEORGE – Até logo, Emily.

EMILY – Até logo, George.

SENHORA WEBB – Emily: venha me ajudar a descascar essas vagens. O George esteve conversando bastante, não? Como ele está crescendo! Que idade terá ele?

EMILY – Não sei.

SENHORA WEBB – Deixe-me ver. Deve ter quase dezesseis.

EMILY – Mamãe: hoje fiz palestra na aula e fui muito bem.

SENHORA WEBB – Você deve repeti-la a seu pai na hora do jantar. Sobre o que foi?

EMILY – A compra da Louisiana. Foi fácilimo. Vou fazer palestra a minha vida inteira. Mamãe: está bem deste tamanho?

SENHORA WEBB – Experimente deixa um pouco maior.

EMILY – Mamãe: se eu lhe perguntar uma coisa, a senhora me responde sério?

SENHORA WEBB – Sério não querida – seriamente.

EMILY – Seriamente – a senhora responde?

SENHORA WEBB – Respondo, como não?

EMILY – Mamãe: eu sou simpática?

SENHORA WEBB – Decerto que é. Todos os meus filhos têm boa aparência; me sentiria envergonhada se não tivessem.

EMILY – Não, mamãe, não é isso que quero dizer. O que eu perguntei é isso: sou bonita?

SENHORA WEBB – Sim, já disse que é. E agora pare com isso. Você tem uma carinha muito bonita. Nunca ouvi tanta bobagem.

EMILY – Oh, mamãe, a senhora nunca diz a verdade.

SENHORA WEBB – *Estou* lhe dizendo a verdade.

EMILY – Mamãe: a senhora foi bonita?

SENHORA WEBB – Sim, fui: se é que deva dizer isso. Fui a moça mais bonita da cidade, depois de Marie Cartwright.

EMILY – Mas, mamãe, a senhora precisa me dizer uma coisa. Sou suficientemente bonita... para que alguém... para que as outras pessoas se interessem por mim?

SENHORA WEBB – Emily: você me cansa. Pare com isso. Você é tão bonita quanto uma moça deve ser. Vamos, e traga essa vasilha.

EMILY – Oh, mamãe, não adianta falar com a senhora!

DIRETOR DE CENA – Muito obrigado! Isso é suficiente. Temos que interromper novamente. Obrigado, Senhora Webb, e a você também Emily. **(A Senhora Webb e Emily se retiram.)** Ainda há algumas coisas que falar a respeito desta cidade. Desta vez será de maneira diferente: vamos olhá-la do futuro. Não lhes direi o que sucedeu a essas duas famílias que vocês têm visto porque isso o resto da peça se encarregará de esclarecer. Mas, tomemos alguns dos outros. Joe Crowell Jr, por exemplo: Joe era um sujeito muito inteligente. Diplomou-se com distinção e arranhou uma bolsa para a Técnica de Boston, ou melhor, para o Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Mas estourou a guerra e Joe morreu na França. Toda essa educação para nada. Howie Newsome ainda entrega leite em Grover's Corners. Está velho, tem muitos empregados, mas é ele mesmo quem faz as entregas. Diz que assim sente mais a cidade. Carrega todas as contas na cabeça: nunca precisou fazer um assentamento. A sorveteria do Senhor Morgan já não é mais acanhada – tudo se tornou civilizado. O Senhor Morgan aposentou-se e foi viver em

San Diego, na Califórnia, onde sua filha se casou com um corretor de imóveis chamado Kerby. O Senhor Morgan lá morreu em 1936 e foi enterrado entre palmeiras. Parece que no fim abandonou a religião e aderiu ao Novo Pensamento ou qualquer coisa semelhante. Leram um desses poemas modernos e cremaram o cadáver. O seu espírito de New Hampshire parece que se extinguiu naquele clima. Os Cartwright estão cada vez mais ricos. A casa permanece fechada a maior parte do ano. Estão sempre fora, em grandes banquetes nos hotéis – nas termas da Virgínia e na praia de Miami. Dizem que os invernos são muito frios aqui. Acho que foi lá que acabaram se tornando adeptos da Igreja Episcopal. Os Cartwright começaram a construir um novo Banco em Grover's Corners – precisaram ir buscar mármore em Vermont, lamento dizer. E perguntaram a um amigo meu o que deveriam colocar na pedra fundamental para ser desenterrado pela gente que viver daqui a mil anos. É lógico que puseram um exemplar do *New York Times* e um do *Sentinela* do Senhor Webb. Estamos de certa maneira interessados nisso, porque alguns cientistas descobriram um método de recobrir essas coisas com uma cola – cola de silicato – que as conservará por mil – dois mil anos. Estamos pondo a Bíblia... a Constituição dos Estados Unidos, e um exemplar das peças de Shakespeare. Que tal? Vocês sabem: a Babilônia chegou a ter dois milhões de habitantes, e a única coisa que sabemos a seu respeito é o nome dos reis e as cópias dos contratos de trigo... as vendas de escravos. Sim, toda noite aquelas famílias reuniam-se para a ceia, o pai voltava do trabalho, a fumaça subia pela chaminé – como aqui. E, mesmo na Grécia e em Roma, tudo o que sabemos da verdadeira vida

do povo é aquilo que conseguimos extrair dos poemas satíricos e das comédias que foram escritas para o teatro daquela época. Portanto, vou ver se consigo que coloquem uma cópia desta peça na pedra fundamental e assim o povo que viver daqui a mil anos poderá saber alguns fatos a nosso respeito. Mais, no entanto, do que o Tratado de Versalhes e o vôo de Lindbergh. Compreendem o que quero dizer? Bom, pessoal, daqui a mil anos – é desta maneira que vivíamos nas províncias ao norte de Nova York, nos princípios do século XX... as pessoas costumavam comer três vezes ao dia: logo depois do amanhecer, ao meio-dia, e na hora do crepúsculo. De sete em sete dias, pela lei e pela religião, havia um dia de repouso e todo o trabalho devia cessar. A religião, nesse tempo, era o cristianismo. Imagino que tenham outros dados sobre o cristianismo. A organização familiar era o casamento: uma estreita ligação que unia homem e mulher pela vida inteira. O cristianismo proibia estritamente matar o seu semelhante, mas permitia a matança de animais e tinha-se o direito de matar homens na guerra e para punir crimes contra o governo. Acho que não precisamos contar sobre as formas de governo e de negócio porque é o gênero de coisas que as pessoas transmitem umas às outras, em primeiro lugar. Deixem-me ver se há mais alguma coisa. Ah, sim, quando morriam, as pessoas eram enterradas exatamente como ainda o são. É assim que éramos em nossa juventude, em nosso casamento, em nossos estudos, em nossa vida e em nossa morte. Agora, voltemos ao nosso dia em Grover's Corners. Passou-se um bocado de tempo. É de tarde. Pode-se ouvir o ensaio do coro, que está sendo realizado na igreja congregacional. Todas as crianças

estão em casa preparando suas lições. O dia vai se escoando como um relógio cansado. **(Um coro, parcialmente oculto na caixa da orquestra, começa a cantar *Abençoados são os Laços*. Simon Stimson dirige. Duas escadas foram empurradas para o palco. Servem como indicação do segundo andar nas casas dos Gibbs e dos Webb. George e Emily estão sentados nelas e voltados aos seus trabalhos escolares. O Doutor Gibbs entrou e está sentado na cozinha, lendo.)**

SIMON STIMSON – Escutem aqui, minha gente! A música veio ao mundo para suscitar prazer. Mais baixo! Mais baixo! Tirem da cabeça essa idéia de que a música só é boa quando gritada. Deixem os berros para os metodistas. E, mesmo que quisessem vocês não poderiam ultrapassá-los. De novo. Tenores!

GEORGE – Psiu! Emily!

EMILY – Olá.

GEORGE – Olá.

EMILY – Nem posso trabalhar. O luar está incrível.

GEORGE – Emily: você acertou o terceiro problema?

EMILY – Qual?

GEORGE – O terceiro!

EMILY – Como não, George: é o mais fácil de todos.

GEORGE – Não acho Emily: quer me auxiliar?

EMILY – Só lhe posso dizer uma coisa: a resposta é em jardas.

GEORGE – Jardas? Como assim?

EMILY – Em jardas quadradas.

GEORGE – Ah... em jardas quadradas.

EMILY – Sim, George, não entendeu?

GEORGE – Sim. Entendi.

EMILY – Em jardas quadradas de papel de parede.

GEORGE – Papel de parede – ah, sei. Obrigado, Emily.

EMILY – Não há de quê. Nossa, que luar incrível! E o ensaio do coro continua. Segurando a respiração a gente pode ouvir o trem indo para Contookuck. Está ouvindo?

GEORGE – M-m-m... É mesmo!

EMILY – Bem: é melhor eu entrar e tentar trabalhar.

GEORGE – Bem, boa noite, Emily. E obrigado.

EMILY – Boa noite, George.

SIMON STIMSON – Antes que me esqueça: aqueles dos senhores que puderem vir terça-feira à tarde cantar no casamento de Fred Hersey, ergam a mão. Ótimo: vai ser lindo. Cantaremos a mesma música do casamento de Jane Trowbridge, no mês passado. Agora, *Triste estás, Cansado e Aflito?* É uma pergunta, senhoras e senhores, respondam-me: vamos.

DOUTOR GIBBS – Oh, George, você pode vir até aqui, um minuto?

GEORGE – Já vou, papai. **(Desce a escada.)**

DOUTOR GIBBS – Fique à vontade, George, é só um minuto.
George: que idade você tem?

GEORGE – Eu? Dezesseis: quase dezessete.

DOUTOR GIBBS – O que é que você pretende fazer quando sair da escola?

GEORGE – Mas, o senhor sabe pai, quero trabalhar na fazenda do tio Luke.

DOUTOR GIBBS – Você gostará de levantar cedo, ordenhar e alimentar o gado?... Estará disposto a manejar a enxada e o ancinho o dia inteiro?

GEORGE – Decerto. Por que o senhor pergunta isso, papai?

DOUTOR GIBBS – Bem, George, é que enquanto estava no consultório hoje, ouvi um barulho esquisito... e o que é que você acha que era? Era sua mãe rachando lenha. Você vê sua mãe se levantando cedo: cozinhando, o dia todo, lavando e passando; e ainda tem que ir lá para o quintal e rachar lenha. Acho que ela se cansou de pedir isso a você. Desistiu e acabou achando mais fácil fazer ela mesma. E você come o que ela faz, veste as roupas que ela arruma para você, sai e vai jogar beisebol, como se ela fosse uma empregada que conservamos em casa, mas de quem não gostamos muito. Bom, eu só queria chamar sua atenção para isso. Tome um lenço, filho. George: decidi aumentar seu dinheiro para vinte e cinco centavos por semana. Não é, decerto, para rachar lenha para sua mãe, porque isso será um presente que você lhe fará, mas sim

porque você está ficando mais velho e penso que há uma porção de coisas em que você pode gastar isso.

GEORGE – Obrigado, pai.

DOUTOR GIBBS – Deixe ver – amanhã é o dia do pagamento. Pode contar com os vinte e cinco centavos. Hmmm. Talvez a Rebecca ache que deva ganhar mais também. Estou pensando no que terá acontecido com a sua mãe. O ensaio do coro nunca demorou tanto.

GEORGE – São só oito e meia, papai.

DOUTOR GIBBS – Nem sei por que ela está naquele coro velho. Um corvo velho é capaz de ter mais voz do que ela... Perambulando pelas ruas a esta hora da noite... Está na hora de você se deitar, não acha?

GEORGE – Sim papai. **(George retoma seu lugar no alto da escada. Risos e boas-noites são ouvidos à esquerda do palco e, nesse momento, a Senhora Gibbs, a Senhora Soames e a Senhora Webb descem a Main Street. Param ao chegar ao centro do palco.)**

SENHORA SOAMES – Boa noite, Martha. Boa noite, Senhor Foster.

SENHORA WEBB – Vou contar ao Charles. Sei que publicará isso no jornal.

SENHORA GIBBS – Como é tarde!

SENHORA SOAMES – Boa noite, Irma.

SENHORA GIBBS – Um ótimo ensaio, não achou? Myrtle: olhe que luar! Tsk-tsk-tsk.

SENHORA SOAMES – Naturalmente que eu não queria dizer nada na frente dos outros, mas agora que estamos sós – francamente – é o pior escândalo que já houve nesta cidade!

SENHORA GIBBS – O quê?

SENHORA SOAMES – O Simon Stimson.

SENHORA GIBBS – Ora, Louella!

SENHORA SOAMES – Mas, Julia! Ter o organista da igreja bêbado, ano após ano! Você sabe que ele estava bêbado hoje.

SENHORA GIBBS – Ora, Louella! Todos nós conhecemos o Senhor Stimson e sabemos as dificuldades por que ele passou, e o Doutor Ferguson também sabe, e, se o Doutor Ferguson conserva-o no emprego, a única coisa que nos cabe é fazer de conta que não notamos.

SENHORA SOAMES – Não notamos! Mas está ficando pior.

SENHORA GIBBS – Não, não está, Louella. Está melhorando. Estou naquele coro há muito mais tempo do que você. Já não acontece tão freqüentemente... É uma pena ter que ir para a cama numa noite destas. Tenho que ir. As crianças devem ter ficado acordadas até tarde. Boa noite, Louella. **(Corre para frente do palco.)** Você vai bem até sua casa, Louella?

SENHORA SOAMES – Está claro como se fosse dia. Daqui estou vendo a carranca do meu marido na janela. Do jeito que

eles ficam, até... parece que fomos a um baile. **(Repetidos os boas-noites, a Senhora Gibbs chega a sua casa.)**

SENHORA GIBBS – Bom, o ensaio estava ótimo.

DOUTOR GIBBS – Você está bastante atrasada.

SENHORA GIBBS – Ora, Frank, é à hora de sempre.

DOUTOR GIBBS – E você fica parada na esquina, conversando com um bando de comadres.

SENHORA GIBBS – Não seja ranzinza, Frank. Venha aqui e veja como meus heliotrópios ficam perfumados ao luar. **(Passeiam de braços dados ao longo da ribalta.)** Não é uma maravilha? O que é que você fez todo o tempo em que estive fora?

DOUTOR GIBBS – Estive lendo, como sempre. De quem é que elas estavam falando mal hoje?

SENHORA GIBBS – Bem, creia-me, Frank, havia de fato alguma coisa do que falar.

DOUTOR GIBBS – Bem! Simon Stimson estava alto, não?

SENHORA GIBBS – Pior nunca vi. Como terminará isso, Frank? O Doutor Ferguson não pode desculpá-lo sempre.

DOUTOR GIBBS – Creio que conheço mais os casos do Simon Stimson do que qualquer outra pessoa nesta cidade. Muita gente não nasceu para viver em cidades pequenas. Não sei como terminará, não há nada a fazer senão deixá-lo em paz. Venha, vamos entrar.

SENHORA GIBBS – Não, ainda não... Oh, Frank, estou preocupada com você.

DOUTOR GIBBS – Preocupada por quê?

SENHORA GIBBS – Acho que é minha obrigação pensar num descanso e numa mudança de ares para você. Se receber aquela herança, bem, farei com que você vá.

DOUTOR GIBBS – Ora, Julia, é absurdo começar a falar nisso de novo.

SENHORA GIBBS – Frank, como você é teimoso!

DOUTOR GIBBS – Vamos, Julia, está ficando tarde. Você pode se resfriar. Falei com George agora à noite. Acho que você vai ter lenha rachada por algum tempo. Não, não, vamos subindo.

SENHORA GIBBS – Meu Deus: parece que há sempre tanta coisa ainda por fazer. Sabe, Frank, a Senhora Fairchild sempre tranca a porta da frente à noite. E toda a gente daquele lado da cidade também.

DOUTOR GIBBS – Estão ficando citadinos, é o que está acontecendo com eles. Não têm nada que possa ser roubado e todo mundo sabe disto. **(Desaparecem. Rebecca sobe a escada ao lado de George.)**

GEORGE – Saia daí, Rebecca. Só há lugar para um nesta janela. Você está sempre atrapalhando tudo.

REBECCA – Me deixe olhar um pouco.

GEORGE – Vá lá para a sua janela.

REBECCA – Eu fui, mas de lá não se vê a lua... George: sabe o que é que estou pensando? É possível que a lua chegue cada vez mais perto e então vai haver uma enorme explosão.

GEORGE – Rebecca: você não sabe nada. Se a lua estivesse se aproximando, aqueles sujeitos que ficam acordados a noite inteira com um telescópio veriam primeiro, contariam logo e todos os jornais dariam a notícia.

REBECCA – George: na América do Sul, no Canadá, e na outra metade do mundo a lua está brilhando também?

GEORGE – Bem, acho que sim. **(O Diretor de Cena passa andando.)**

DIRETOR DE CENA – Nove e meia. A maioria das luzes já está apagada. Não, aí vem o guarda Warren, verificando se algumas portas da Main Street estão bem fechadas, e também o diretor Webb, depois de ter fechado o jornal.

SENHOR WEBB – Boa noite, Bill.

GUARDA WARREN – Noite, Senhor Webb.

SENHOR WEBB – Que luar!

GUARDA WARREN – É.

SENHOR WEBB – Tudo em ordem?

GUARDA WARREN – O Simon Stimson anda rolando por aí. Acabei de ver a mulher dele saindo para procurá-lo e então olhei para o outro lado – aí vem ele. **(Simon desce a Main Street, vindo da esquerda, unicamente se nota um pouco de insegurança em seu andar.)**

SENHOR WEBB – Boa noite, Simon... Parece que a cidade já está dormindo... **(Simon vem em sua direção e detém-se por um momento.)** Boa noite... Sim, a maior parte da cidade já foi dormir Simon... É melhor que façamos o mesmo. Posso acompanhá-lo um pouco? **(Simon continua sua marcha, sem uma palavra, e desaparece à direita.)** Boa noite.

GUARDA WARREN – Não sei no que vai dar isso, Senhor Webb.

SENHOR WEBB – Bem, ele tem passado por uma porção de coisas, uma depois da outra. Oh, Bill... se você vir meu filho fumando, fale com ele, sim? Ele lhe tem grande respeito, Bill.

GUARDA WARREN – Não acredito que ele fume: Senhor Webb. No máximo dois ou três por ano. Não pertence àquela turminha que anda fumando escondida por aí.

SENHOR WEBB – Hmmm... Espero que não. Bem, boa noite, Bill.

GUARDA WARREN – Boa noite, Senhor Webb. **(Sai.)**

SENHOR WEBB – Quem é que está aí em cima? É você, Myrtle?

EMILY – Não, sou eu, papai.

SENHOR WEBB – Por que você ainda não foi para a cama?

EMILY – Não sei. Ainda não posso dormir, papai. O luar está uma maravilha. E o perfume dos heliotrópios da Senhora Gibbs. O senhor está sentindo?

SENHOR WEBB – Hmmm... Sim. Está preocupada com alguma coisa, Emily?

EMILY – Preocupada, papai? Não.

SENHOR WEBB – Bem, divirta-se, mas não deixe suja mãe apanhá-la. Boa noite, Emily.

EMILY – Boa noite, papai. (**O Senhor Webb atravessa a casa, assobiando *Abençoados são os Laços... E desaparece.***)

REBECCA – Nunca lhe contei da carta que Jane Crofut recebeu do Ministro quando estava doente. O Ministro da cidade em que ela morava antes de mudar para cá. Escreveu uma carta para a Jane e o envelope assim dizia: Jane Crofut, Fazenda Crofut, Grover's Corners, Condado de Sutton, New Hampshire, Estados Unidos da América.

GEORGE – Qual a graça disso?

REBECCA – Escute, ainda não acabou: Estados Unidos da América, Continente Americano do Norte, Hemisfério Ocidental, Terra, Sistema Solar, Universo, mente de Deus – era o que estava no envelope.

GEORGE – Imagine!

REBECCA – E o carteiro entregou direitinho.

GEORGE – Imagine!

DIRETOR DE CENA – Este é o fim do primeiro ato, amigos. Podem sair e fumar agora, isto é, os que fumam.

ATO II

As mesas e cadeiras das duas cozinhas ainda se encontram no palco. As duas escadas foram retiradas. O Diretor de Cena permaneceu em seu lugar de costume, aguardando que os espectadores retornem a seus lugares.

DIRETOR DE CENA – Passaram-se três anos. Sim. O sol nasceu mais de mil vezes. Os verões e os invernos aumentaram um pouco as fendas das montanhas e as chuvas trouxeram para baixo, parte da terra solta. Algumas crianças que ainda nem haviam nascido já estão formando frases bem regulares; e um bom número de pessoas que se achavam bastante jovens e ligeiras percebeu que já não é capaz de vencer um lance de escada, como antes, sem sentir o coração palpitar. Alguns primogênitos estão sentados à cabeceira da mesa, e outras pessoas que conheço já precisam que lhes cortem o bife às refeições. Tudo isso pode acontecer em mil dias. Mas a natureza se move também em outras direções: um bom número de jovens se apaixona e casa. Sim, a montanha desgastou-se algumas frações de polegadas, milhões de litros de água passaram pelo moinho; aqui e ali, sob um novo teto, um novo lar se estabeleceu. Quase todo o mundo se casa. Em nossa cidade, dificilmente há exceções. A maior parte das pessoas, no mundo inteiro, vai para a sepultura casada. O primeiro ato chama-se *A Vida Diária*. Este ato chama-se *Amor e Casamento*. Há ainda um ato depois deste: vocês perceberão do que ele trata. Portanto, passaram-se três anos. Estamos em 1904. É o dia 7 de Julho, logo depois da abertura das aulas. É a época em

que muitos jovens dão um salto e se casam. Assim que terminam os últimos exames de Geometria Plana e das *Orações de Cícero*, parece que se sentem prontos para o casamento. É de manhã, bem cedo. Só que desta vez está chovendo e trovejando. A horta da Senhora Gibbs aqui, e a da Senhora Webb ali, estão ensopadas. Todos esses pés de feijão e de ervilhas estão ensopados. Ontem o dia inteiro, na Main Street, a chuva parecia uma cortina soprada pelo vento. Hmmm... pode começar a chover de um momento para outro. Estão ouvindo? O 5,45 indo para Boston. E aí vem o Howie Newsome, entregando o leite. E ali Si Crowell, entregando os jornais, como fazia o irmão antes dele. Lembram-se do irmão dele? Toda essa educação que ele vai ter e que será perdida. E a Senhora Gibbs e a Senhora Webb descem para fazer o café, como se acaso este fosse um dia igual aos outros. Não preciso frisar às senhoras da platéia que essas duas senhoras que estão vendo cozinham três refeições por dia, uma delas durante vinte anos e a outra durante quarenta – e sem férias de verão. Criaram dois filhos cada uma, lavavam, limpavam a casa sem uma única crise de nervos. E nem por isso se imaginavam exploradas. É como um dos poetas do meio-oeste disse: “é necessário amar a vida para viver, e viver para se amar a vida...” É o que chamam de círculo vicioso. **(Si Crowell já entrou. Está atirando jornais imaginários nas portas das casas. Howie vem pela Main Street, com Bessie.)**

HOWIE – Vamos, Bessie.

SI – Dia, Howie.

HOWIE – Dia, Si. Alguma novidade interessante no jornal?

SI – Não... a não ser que nós vamos perder o melhor jogador de beisebol que Grover's Corners já teve.

HOWIE – É, ele sozinho vencia todos os times... de South New Hampshire.

SI – Você se lembra como ele sabia rebater e sair correndo?

HOWIE – É. Um ótimo jogador de bola. – Bessie! Eu acho que eu posso parar para conversar quando quero!

SI – Não sei como ele pode desistir de uma coisa só para se casar. Você seria capaz de fazer isso?

HOWIE – Não sei dizer, Si. Nunca tive inclinação para isso. (**O Guarda Warren entra. Trocam bons-dias.**) Levantou-se cedo, Bill.

GUARDA WARREN – Estive vendo se posso fazer alguma coisa para impedir uma inundação. O rio subiu a noite toda.

HOWIE – Si Crowell está todo aborrecido com a saída de George Gibbs do time de beisebol.

GUARDA WARREN – Sim, senhor, isso é assim mesmo. Em 84, tivemos um jogador, Si, ao qual nem George Gibbs poderia se igualar. Chamava-se Hank Todd. Foi-se embora para o Maine e tornou-se sacerdote. Um ótimo jogador. Howie, que acha do tempo?

HOWIE – Não, não está mau, não. Acho que vai firmar. (**O Guarda Warren e Si continuaram seus caminhos. Howie entrega o leite na casa da Senhora Gibbs primeiro. Ela o encontra perto das grades.**)

SENHORA GIBBS – Bom dia, Howie. Será que vai chover ainda?

HOWIE – Dia, Senhora Gibbs. Choveu tanto que acho que agora vai clarear.

SENHORA GIBBS – É isso que espero...

HOWIE – Com quantos a senhora vai ficar hoje?

SENHORA GIBBS – Penso que vou precisar de três de leite e dois de creme, Howie. Vou ter a casa cheia de parentes.

HOWIE – Minha mulher mandou dizer que desejamos que os dois sejam muito felizes, Senhora Gibbs. Sabemos que eles serão felizes.

SENHORA GIBBS – Muito obrigada, Howie. Diga a sua mulher que eu espero que ela esteja lá para o casamento.

HOWIE – Sim, ela irá; ela irá, se puder. (**Howie cruza o palco na direção da casa da Senhora Webb.**) Bom dia, Senhora Webb.

SENHORA WEBB – Oh, bom dia, Senhor Newsome. Eu lhe encomendei quatro litros de leite, mas creio que vou precisar de mais um.

HOWIE – Sim, senhora... e dois de creme.

SENHORA WEBB – Vai chover o dia todo, Senhor Newsome?

HOWIE – Não, senhora. Estava dizendo à Senhora Gibbs que o tempo ia limpar. Minha mulher pediu que lhe dissesse que nós

desejamos que os dois sejam muito felizes, Senhora Webb. Sabemos que eles serão felizes.

SENHORA WEBB – Muito obrigada, agradeça por mim a sua senhora, e esperamos que vocês venham ao casamento.

HOWIE – Sim, Senhora Webb. Esperamos poder ir. Não podemos faltar. Psiu, Bessie! **(Sai Howie. O Doutor Gibbs desce, em mangas de camisa. Senta-se à mesa.)**

DOUTOR GIBBS – Bem, mãe, chegou o dia. Você está perdendo mais um dos seus pintinhos.

SENHORA GIBBS – Frank: pare com isso. Tenho vontade de chorar a todo instante. Sente-se e tome o seu café.

DOUTOR GIBBS – O noivo está lá em cima fazendo a barba. Assobiando e cantando como se estivesse contente por nos deixar. De vez em quando diz um “sim” ao espelho, mas ainda não soa muito convincente.

SENHORA GIBBS – Não sei como ele se arranjará daqui por diante. Sempre cuidei de suas roupas, faço com que ele vista coisas quentes. **(Sobe.)** Frank! Eles ainda são tão crianças. Emily ainda não pode pensar nessas coisas. Ele morrerá resfriado em uma semana. Aqui está o que fiz pra você. **(Desce.)**

DOUTOR GIBBS – Ora, Julia! Torrada com canela!

SENHORA GIBBS (Senta-se) – Não é difícil de fazer e eu queria preparar alguma coisa.

DOUTOR GIBBS – Estou me lembrando da minha manhã de casamento, Julia.

SENHORA GIBBS – Não comece com isso, Frank. Você sabe que não suporto.

DOUTOR GIBBS – Eu era o sujeito mais apavorado do Estado de New Hampshire. Estava certo de que havia feito um erro. E, quando vi você descendo pela nave da igreja, eu a achei a moça mais bonita que já havia visto: só que o único transtorno era que nunca a tinha visto antes. Lá estava eu na igreja congregacional me casando com uma completa desconhecida.

SENHORA GIBBS – E como é que você acha que eu me sentia? – Você ouviu barulho no quarto de Rebecca?

DOUTOR GIBBS – É a primeira manhã do ano em que ela não está querendo se meter na vida dos outros. Ela está fechada no quarto. Tive a impressão de que está chorando.

SENHORA GIBBS (Levanta-se) – Meu Deus! Isso tem de parar. Rebecca! Rebecca! Está tudo esfriando aqui embaixo. **(George desce as escadas, estrepitosamente e muito animado.)**.

GEORGE – Bom dia para todos. Só mais cinco horas de vida. **(Faz o gesto de cortar o pescoço.)**.

SENHORA GIBBS – Aonde você vai?

GEORGE – Vou atravessar o gramado para ver minha pequena.

SENHORA GIBBS – Então, George, pegue o guarda-chuva ou eu não deixo você sair.

GEORGE – Ora, mamãe, é só um pulinho!

SENHORA GIBBS – De amanhã em diante você pode se matar em qualquer tempo, mas, enquanto estiver em minha casa, terá que andar direito e pronto. As galochas estão lá no hall. E aqui está o guarda-chuva.

GEORGE – Ora, mamãe.

DOUTOR GIBBS – George: faça o que sua mãe lhe diz.

SENHORA GIBBS – Talvez a Senhora Webb não esteja acostumada a receber visitas às 7 da manhã. Tome uma xícara de café primeiro.

GEORGE – Volto num instante. (**Atravessa o palco, saltando as poças d'água.**) Bom dia, mamãe Webb.

SENHORA WEBB – Santo Deus! Você até me assustou! Entre um pouco, por causa da chuva, George, mas você bem sabe que eu não devia mandá-lo entrar.

GEORGE – Por que não?

SENHORA WEBB – George: você sabe muito bem que o noivo, no dia do casamento, não deve ver a noiva, antes da igreja.

GEORGE – Ora! Isso é superstição. (**O Senhor Webb entra.**).

SENHOR WEBB – Bom dia, George.

GEORGE – Senhor Webb: o senhor não acredita nesta superstição, não é verdade?

SENHOR WEBB – Existe bastante bom senso em algumas superstições, George.

SENHORA WEBB – Milhões de pessoas seguem isso, George. Não queira ser o primeiro a quebrar o costume.

GEORGE – Como vai Emily?

SENHORA WEBB – Ainda não acordou. Não ouvi nem um ruído no quarto dela.

GEORGE – Ainda está “dormindo”?

SENHORA WEBB – Não há o que admirar! Estivemos em pé até altas horas costurando e fazendo as malas. Sente-se com Charles e tome uma xícara de café, enquanto vou lá em cima, impedir que ela se encontre com você. Tem presunto também; mas não demore muito. **(A Senhora Webb sai. Silêncio embaraçoso.)**

SENHOR WEBB – Bem, George, como é que vai você?

GEORGE – Oh, bem. Muito bem. **(Pausa.)** Senhor Webb: que bom senso pode haver numa superstição como essa?

SENHOR WEBB – Bem, você sabe – no dia do casamento a cabeça de uma mulher está sempre cheia de... de roupas e outras coisas assim. Você não acha que é isso?

GEORGE – S-s-s-sim. Não tinha pensado nisso.

SENHOR WEBB – As mulheres sempre ficam um pouco nervosas no dia do casamento. **(Pausa.)**

GEORGE – Eu gostaria que a gente pudesse casar sem ter que passar por todas essas amolações.

SENHOR WEBB – Todos os homens que passaram por isso sentiram a mesma coisa, George; mas não adiantou nada. Foram as mulheres que inventaram o casamento, meu filho. E, daí em diante, elas o foram fazendo de acordo com sua vontade... Todas aquelas boas mulheres, lado a lado, acreditando que o nó deve ser dado em público.

GEORGE – Mas... o senhor “acredita” nisso, não acredita, Senhor Webb?

SENHOR WEBB – Sim, sim. Não me entenda mal, meu filho. O casamento é uma coisa maravilhosa – maravilhosa. Não se esqueça disso, George.

GEORGE – Não, Senhor Webb. Que idade o senhor tinha quando se casou?

SENHOR WEBB – Bem, você sabe; eu estive na faculdade e levei algum tempo até me arrumar. Mas, minha mulher – ela não era muito mais velha do que Emily é agora. Oh, isso de idade não tem importância, George, comparado com outras coisas.

GEORGE – O que o senhor ia dizer Senhor Webb?

SENHOR WEBB – Oh, nem sei – eu ia dizer alguma coisa? **(Pausa.)** George: na noite passada estive me lembrando dos conselhos que meu pai me deu quando me casei. “Charles” – disse ele – “comece logo mostrando que é o chefe. A melhor coisa que deve fazer é dar logo uma ordem; não importa que não tenha sentido – é só para ensiná-la a obedecer. E, se alguma coisa em sua mulher o irritar, sua conversa ou qualquer coisa, levante-se e saia de casa. E assim ela aprenderá”. Ah,

sim, ele disse: “nunca, nunca deixe sua mulher saber quanto dinheiro você tem, nunca”.

GEORGE – Bem, Senhor Webb... acho que não sou capaz de fazer isso.

SENHOR WEBB – Sempre fiz o contrário do que me aconselhou meu pai, e tenho sido feliz. Que isso seja uma lição para você, George, nunca peça conselhos sobre assuntos pessoais. **(Levanta-se.)** George: você vai criar galinhas na sua fazenda?

GEORGE – Como?

SENHOR WEBB – Pergunto se você vai criar galinhas em sua fazenda.

GEORGE – O tio Luke nunca se interessou muito por isso, mas penso que...

SENHOR WEBB – Outro dia eu recebi um livro, George, sobre os sistemas Philo de criar galinhas. Gostaria que você o lesse. Estou pensando em começar uma pequena criação nos fundos do quintal e vou colocar uma chocadeira no porão... **(Entra a Senhora Webb.)**

SENHORA WEBB – Charles: você está falando novamente naquela velha chocadeira? Pensei que vocês dois estivessem conversando de coisas que valessem a pena.

SENHOR WEBB (Levanta-se) – Bem, Myrtle, se você quiser dar ao rapaz alguns bons conselhos, eu vou lá em cima e deixo vocês dois a sós.

SENHORA WEBB – Olhe George, sinto muito, mas tenho que mandar você embora porque Emily quer descer para tomar café. Ela mandou dizer que o adora, mas não quer pôr os olhos em você. Portanto, até logo, George. **(George cruza o palco em direção à sua casa e desaparece.)**

SENHOR WEBB – Myrtle: creio que você não conhece uma superstição mais antiga ainda.

SENHORA WEBB – Como assim?

SENHOR WEBB – Vem da época das cavernas: o noivo não deve ser deixado a sós com o sogro no dia do casamento, ou próximo a ele. Não se esqueça disso.

DIRETOR DE CENA – Muito obrigado, muito obrigado a todos. Tenho que interrompê-los novamente. Vocês sabem: todos nós queremos saber como isso tudo começa – esse casamento, essa idéia de passarem a vida juntos. Tenho um grande interesse em saber como começam coisas importantes como essa. Sabem como é isso: a gente tem vinte e um ou vinte e dois anos e toma algumas decisões; daí, zipt!, já se está com setenta: trabalhou-se como advogado durante cinqüenta anos e essa senhora de cabelos brancos já tomou mais de cinqüenta mil refeições ao nosso lado. Como é que essas coisas começam? George e Emily vão agora mostrar a vocês a conversa que tiveram quando descobriram... como se costuma dizer... que tinham sido feitos um para o outro. Mas, antes, quero que se lembrem de quando vocês eram moços, quando tinham quinze ou dezesseis anos. De certa maneira, é difícil recordar aqueles dias em que mesmo as menores coisas da

vida pareciam tão importantes que era difícil poder suportá-las. E particularmente os dias em que vocês se apaixonaram, quando ficaram como sonâmbulos, sem saber em que rua andavam e sem ouvir o que lhes era dito. Pareciam um pouco malucos. Por favor, lembrem-se disso! Eles sairão do ginásio às três horas. George foi eleito presidente de sua classe, e - como estamos em junho -, isto significa que será o presidente do próximo ano. E Emily foi eleita secretária e tesoureira. Nem lhes preciso dizer como isso é importante. **(Coloca uma tábua sobre o encosto de duas cadeiras, paralela à ribalta, e coloca dois bancos altos atrás dela. É o balcão da sorveteria do Senhor Morgan.)** Está tudo pronto. **(Emily, carregando uma porção de livros imaginários, vem pela Main Street, da esquerda.)**

EMILY – Não posso Louise. Tenho que ir para casa. Até logo. Oh, Ernestine! Ernestine! Você pode vir estudar álgebra esta noite? Eu fiz o primeiro e o terceiro problemas na sala de estudos. Não, não são difíceis. Mas, Ernestine, aquele César é que é difícil. Não sei por que precisamos estudar uma coisa como aquela. Venha lá pelas sete horas. Diga à sua mãe que você “precisa” ir. Té logo, Helen. Té logo, Fred. **(George, também carregando livros, a alcança.)**

GEORGE – Quer que eu carregue seus livros, Emily?

EMILY (Friamente) – Obrigada. **(Entrega-lhe os livros.)**

GEORGE – Espere um pouquinho, Emily. Escute Bob, apronte tudo que estarei lá num quarto de hora. Se eu me atrasar, treinem um pouco. E atire algumas bolas altas para o Herb. Ele precisa de treino. Até mais logo.

EMILY – Adeus, Lizzy.

GEORGE – Adeus, Lizzy. – Fico muito satisfeito por você também ter sido eleita, Emily.

EMILY – Obrigada. **(Estiveram parados na Main Street, quase contra a parede do fundo. George está prestes a dar alguns passos na direção da platéia quando pára.)**

GEORGE – Emily: por que você está zangada comigo?

EMILY – Não estou zangada com você.

GEORGE – Você... você me trata de um modo tão esquisito.

EMILY – Bom, acho melhor dizer, George. Não gosto dessa mudança que se operou em você nesse último ano. Sinto muito se isso o vai magoar, mas decidi lhe dizer a verdade seja lá como for.

GEORGE – Não entendo Emily. Que é que você quer dizer?

EMILY – George: há um ano eu gostava muito de você. Sempre acompanhei tudo o que você fazia... porque, afinal, éramos amigos há tanto tempo... Mas aí você começou a se importar só com o beisebol... e não falou mais com ninguém, nem mesmo com sua família... e, George, de fato, você ficou terrivelmente convencido e presunçoso, é o que todas as meninas dizem. Elas nunca diriam isso na sua cara, mas é o que dizem pelas costas, e isso me dói, mas sou obrigada a achar que elas têm razão. Sinto muito se isto o magoa... mas não me arrependo de tê-lo dito.

GEORGE – Eu... foi bom você ter dito, Emily. Nunca imaginei que isto estivesse acontecendo comigo. É difícil um camarada não ter defeitos nenhum. **(Os dois dão alguns passos, em silêncio, ainda contristados.)**

EMILY – Eu sempre achei que um homem pode ser perfeito, acho que isso é possível.

GEORGE – Oh... não creio que seja possível ser perfeito, Emily.

EMILY – Bem, meu pai é, e o seu, pelo que eu sei, também é. Não existe razão pela qual você também não possa ser.

GEORGE – Pois eu... encaro isso de outro modo. Os homens não são naturalmente bons; mas as mulheres, sim. Como você e sua mãe e minha mãe.

EMILY – Você sabe muito bem que eu não sou perfeita. Não é muito fácil para uma mulher ser perfeita como um homem, porque nós, mulheres, somos... mais nervosas. – Sinto ter dito aquilo a seu respeito. Não sei o que me fez falar.

GEORGE – Não, não, eu acho que, se é verdade, você fez bem em me dizer. Faça sempre isso, Emily.

EMILY – Não sei se é verdade ou não. E senti de repente que não é tão importante assim.

GEORGE – Emily: quer tomar um sorvete com soda limonada ou qualquer coisa, antes de ir para casa?

EMILY – Obrigada... aceito. **(Entram na sorveteria e sentam-se nos bancos.)**

DIRETOR DE CENA (Como Senhor Morgan) – Olá George. Olá Emily. Que é que vão tomar? Ora, Emily Webb, você andou chorando?

GEORGE (Procura uma explicação) – Ela... ela levou um susto enorme, Senhor Morgan. Quase foi atropelada pela caminhonete da casa de ferragens. Todo mundo sabe que Tom Huckins guia feito um maluco.

DIRETOR DE CENA – Tome, tome um copo d'água, Emily. Você parece ter levado um grande choque, Emily. Pronto! – Que é que vocês vão tomar?

EMILY – Eu quero um refresco de morangos, Senhor Morgan.

GEORGE – Não, não. Você vai tomar comigo um sorvete com soda, Emily. Dois sorvetes de morango com soda, Senhor Morgan.

DIRETOR DE CENA (Lidando com as torneiras) – Sim, senhor, é o que eu sempre digo. Agora a gente tem de olhar para os dois lados antes de atravessar a Main Street. Piora cada ano. Nesse momento em que estou falando existem cento e vinte e cinco cavalos em Grover's Corners. O Inspetor Estadual esteve aqui ainda ontem. E agora que estão introduzindo esses automóveis, a melhor coisa que se pode fazer é ficar em casa. Ah, eu me lembro dos tempos em que um cachorro podia dormir o dia inteiro no meio da Main Street, sem que nada o viesse incomodar. Sim, Senhorita Ellis, estarei aí num minuto! Aqui estão as duas sodas. Divirtam-se. **(Sai.)**

EMILY – Mas isso é muito caro!

GEORGE – Não, não, não pense nisso. Estamos comemorando. Em primeiro lugar, estamos comemorando a nossa eleição. E sabe o que mais estou comemorando?

EMILY – Não.

GEORGE – Estou comemorando porque encontrei uma pessoa amiga, que me diz todas as coisas, que me deviam ser ditas.

EMILY – George: não pense mais nisso, por favor. Não sei por que lhe disse. Não é verdade. Você...

GEORGE – Não, continue sempre assim, Emily. Estou contente por você me haver falado como falou. E, você verá, vou me modificar, pode ficar certa de que vou. Emily, eu queria lhe pedir um favor.

EMILY – O quê?

GEORGE – Emily, se eu for para o Colégio de Agricultura do Estado no ano que vem: você me escreverá uma carta de vez em quando?

EMILY – Naturalmente, George. **(Pausa.)** Você não acha que três anos são muito tempo e que você acabará se esquecendo de tudo isso aqui?

GEORGE – Não, não. Eu não hei de fazer isso. Você sabe, não quero ser somente fazendeiro. Mais tarde, quero ver se consigo entrar para a política, e assim, suas cartas serão muito importantes para mim; você sabe, contando o que acontece por aqui e tudo mais...

EMILY – Mas, mesmo assim, três anos é muito tempo! Talvez as cartas de Grover's Corners não sejam assim tão importantes, quando se pensa em todo o New Hampshire; mas eu acho uma cidade muito bonita.

GEORGE – Nunca chegará o dia em que eu não queira saber de tudo o que está acontecendo por aqui. Eu sei que “isto” é verdade, Emily.

EMILY – Bem, eu tentarei tornar minhas cartas interessantes. (Pausa.).

GEORGE – Sabe Emily, sempre que encontro um fazendeiro, pergunto se ele acha que é necessário ir para a Escola de Agricultura para ser um bom fazendeiro.

EMILY – Ora, George...

GEORGE – Sim, e alguns deles dizem que é o mesmo que perder tempo. Pode-se aprender todas aquelas coisas de outro modo, nos folhetos que o governo manda. E o tio Luke está ficando velho – ele está pronto a me deixar começar com a fazenda amanhã mesmo, se eu quiser.

EMILY – Mas, George...

GEORGE – É, como você disse, estando fora todo aquele tempo... em outro lugar e conhecendo outras pessoas... Se é isso que vai acontecer, eu não quero sair daqui. Não creio que gente nova seja melhor que velha. Creio que nunca é. Emily... nunca tive outra amiga tão sincera como você. Eu não preciso ir embora e conhecer outras em outras cidades.

EMILY – Mas, George, talvez seja preciso que você vá e aprenda tudo aquilo sobre classificação de gado, sobre terra e muitas outras coisas. E se você quer entrar para a política, talvez deva sair e conhecer gente de outras partes do Estado... Talvez, não sei.

GEORGE (Depois de uma pausa) – Emily: já tomei minha decisão. Não irei. Falarei com meu pai sobre isso, hoje à noite.

EMILY – Ora, George: não sei por que você precisa decidir neste momento. Ainda tem um ano inteiro pela frente.

GEORGE – Emily: estou satisfeito por você ter me falado nisso... nesses defeitos do meu caráter. E foi muito certo o que você disse: mas só havia uma coisa errada; foi quando você disse que por um ano eu não me importei com pessoa alguma, e... você, por exemplo. Escute Emily... você diz que sempre acompanhou tudo que eu fazia... Pois eu também sempre quis saber tudo a seu respeito. Sempre achei que você era uma das pessoas mais importantes. Sempre quis saber onde você estava sentada nas arquibancadas e com quem você estava. E nós sempre conversamos muito... e brincamos, lá na escola; e isso sempre significou muito para mim. Naturalmente, não eram conversas como a que estamos tendo agora. Depois, percebi que você estava ficando meio esquisita comigo, e por três dias eu tentei acompanhar você até a sua casa, mas alguma coisa sempre atrapalhava. Ontem eu fiquei encostado ao muro, esperando por você e você saiu em companhia da Senhorita Corcoran.

EMILY – George! Que engraçado! Como poderia eu saber? Ora, eu pensei...

GEORGE – Escute Emily: vou lhe dizer por que não vou para a Escola de Agricultura. Eu creio que quando se encontra uma pessoa de quem a gente gosta – quero dizer, uma pessoa que gosta da gente também -, a ponto de se interessar pelo nosso caráter... Bom, creio que isto é tão importante como a faculdade, e até mais. É isto o que penso.

EMILY – Eu creio que isso é muito importante também.

GEORGE – Emily.

EMILY – Sim, George.

GEORGE – Se eu melhorar e me modificar... você queria... quer dizer: você “poderia” ser...

EMILY – Eu... eu sou agora; sempre fui.

GEORGE (Pausa) – Creio que tivemos uma conversa bastante séria.

EMILY – Sim.

GEORGE (Inspira profundamente e endireita as costas) – Espere um pouco que já vou levar você para casa. **(Levanta-se e vai até o Diretor de Cena que já entrou e vem ao seu encontro.)** Senhor Morgan: preciso ir até minha casa buscar dinheiro para lhe pagar. É só um minuto.

DIRETOR DE CENA – Que é isso? George: você quer me dizer que...

GEORGE – Sim, mas com razão, Senhor Morgan. Olhe: aqui está o meu relógio de ouro, guarde-o até voltar com o dinheiro.

DIRETOR DE CENA – Está certo. Guarde o relógio. Tenho confiança em você.

GEORGE – Volto dentro de cinco minutos.

DIRETOR DE CENA – Você tem crédito para dez anos, George, mas nem um dia a mais. Passou o susto, Emily?

EMILY – Sim, muito obrigada, Senhor Morgan. Não foi nada.

GEORGE (Pegando os livros no balcão) – Vamos. **(Andam em silêncio, para o fundo do palco, virando-se e passando através das grades da porta dos fundos da casa da Senhora Webb. Saem.)**

DIRETOR DE CENA – Obrigado, Emily. Obrigado, George. Agora, antes de irmos adiante com o casamento, ainda existem mais coisas que precisamos saber a esse respeito – a respeito desse casamento. Quero saber mais um pouco sobre como os pais o encaram; mas, o que mais me interessa – oh, vocês sabem o que eu quero dizer – é o que Grover's Corners pensava dos casamentos. Vocês sabem tão bem quanto eu: as pessoas nunca podem dizer claramente o que pensam do dinheiro, da morte, da fama ou do casamento, vocês precisarão apanhá-las nas entrelinhas; vocês terão que adivinhar. Oh, doutor! Senhora Gibbs! **(Eles aparecem ao lado do palco e trocam um olhar de entendimento com ele. O Diretor deixa a mesma tábua sobre as duas cadeiras – que serviu como balcão da sorveteria do Senhor Morgan e agora é a tábua de passar roupa da Senhora Gibbs. O Doutor Gibbs senta-se**

numa cadeira de balanço e fuma. A Senhora Gibbs passa roupa em silêncio e por alguns momentos. Vai aos pés da escada e grita.).

SENHORA GIBBS – Rebecca! É hora de apagar a luz e dormir. George: é melhor que você vá se deitar também.

REBECCA (Voz fora) – Mãe: eu não terminei a minha lição de inglês.

SENHORA GIBBS – O quê? Sou capaz de apostar que você não esteve estudando, Rebecca. Você esteve lendo aquele catálogo da Sears Roebuck, isso é que você esteve fazendo. Está certo, e eu lhe dou mais dez minutos. Se você não for capaz de terminar nesse tempo, você perderá o curso e nos aborrecerá bastante, a seu pai e a mim. – George: que é que você está fazendo?

GEORGE (Voz fora, magoadado) – Estou estudando história.

SENHORA GIBBS – Bem, é melhor que você vá se deitar. Provavelmente já está dormindo sobre a escrivaninha. **(Lança um olhar divertido para o marido e volta a passar.)**.

DOUTOR GIBBS – Tive uma longa conversa com o menino hoje.

SENHORA GIBBS – Sim?

DOUTOR GIBBS – Eu lhe digo Senhora Gibbs, não há nada mais terrível no mundo do que um filho. As relações de um pai para com o filho são as mais estúpidas, as mais desajeitadas. Sempre que falo com ele, sinto-me como uma esponja cheia de hipocrisia.

SENHORA GIBBS – Bom, as relações entre uma mãe e uma filha não se parecem em nada com um piquenique. Eu que o diga.

DOUTOR GIBBS – George quer isto: casar-se com Emily, assim que terminarem as aulas, e levá-la para a fazenda. **(Pausa.)** Ele diz que pode estudar à noite, nos folhetos do governo, sem precisar ir à faculdade.

SENHORA GIBBS – Ele sempre foi louco pela fazenda. Isso vem de minha gente.

DOUTOR GIBBS – Para encurtar a história, eu creio que ele pode começar na fazenda – mas acho que ele ainda é muito jovem para se casar, Julia, ele não passa de um menino crescido. Ainda não está apto para ser um chefe de família.

SENHORA GIBBS – Não, ele ainda não está. Você tem razão. Mas ele é um bom rapaz e não posso imaginá-lo sozinho, longe daqui... vindo à cidade aos sábados à noite, como qualquer velho trabalhador de fazenda, fugindo ao trabalho e procurando divertimento. Ele pode ir por maus caminhos. Não seria muito divertido para ele vir aqui e sentar-se perto da lareira – de mãos dadas com Emily durante um ano inteiro. Poderia perder o interesse nela.

DOUTOR GIBBS – Hmmm.

SENHORA GIBBS – Frank: eu a tenho observado muito – George é um rapaz feliz – quando a gente pensa nessas bobinhas que andam por aí.

DOUTOR GIBBS – Mas, Julia, George “casado”! Aquele bobalhão, desengonçado e egoísta...

SENHORA GIBBS – Sim, eu sei. **(Pega um colarinho e o examina.)** Frank: que é que você faz com os seus colarinhos? Você os róí? Nunca vi ninguém estragar tanto os colarinhos!

DOUTOR GIBBS – Julia: sabe do que eu tinha medo quando me casei com você?

SENHORA GIBBS – Ora, pare com isso.

DOUTOR GIBBS – Tinha medo de que não tivéssemos assunto para conversar mais do que algumas semanas. De fato, tinha medo de que precisássemos ir para a mesa e comer em silêncio. No entanto, você e eu já estamos conversando há vinte anos sem parar.

SENHORA GIBBS – Bem, bom tempo, mau tempo, sem grandes variações, mas eu acho que sempre encontrava alguma coisa para dizer. **(Pausa.)**

DOUTOR GIBBS – O que é que você acha? O que é que você acha, hein, Julia? Devemos dizer ao garoto que ele pode ir em frente e se casar?

SENHORA GIBBS – Parece-me que nós é que devemos decidir. Myrtle e Charles estão de acordo. Eles acham que é uma boa idéia deixar esses garotos nadarem sozinhos, assim que estejam preparados, e eles que lutem para se manter à tona.

DOUTOR GIBBS – Que é que isso quer dizer? Precisamos decidir agora? Neste minuto?

SENHORA GIBBS – Já está querendo jogar a responsabilidade em cima de mim!

DOUTOR GIBBS – Estamos quase em abril. Vou subir e falar com ele, antes que ele vá para a cama. **(Levanta-se.)** Está bem assim, Julia? Não tem mais nada a dizer?

SENHORA GIBBS (Pára de passar roupa por um momento) – Nem sei o que dizer. Parece-me que é muito pedir a um rapagão como ele para ir se trancar numa escola por mais três anos. E na fazenda ele ficará de uma vez, terá companhia, vendo que encontrou uma boa moça como Emily... As pessoas foram feitas para viver a dois... Sim, Frank, vá lá em cima e diga-lhe que está tudo bem... **(O Doutor Gibbs cruza o palco e vai chamar, quando a Senhora Gibbs, com as mãos no rosto, fitando a platéia, num grito penetrante.)** Espere! Espere um pouco! **(Retomando o ferro.)** Não, vá falar com ele.

DOUTOR GIBBS – Por que foi que você parou Julia?

SENHORA GIBBS – Oh, você sabe, eu me lembrei dos tempos passados, dos primeiros anos, quando George e Rebecca eram criancinhas, você andando de um lado para outro com eles, às três da madrugada, e a tosse comprida; e o dia em que George caiu da varanda. Você e eu tínhamos vinte e cinco anos ou pouco mais. É maravilhoso como se podem esquecer sustos como esses. Sim, Frank, suba e diga a ele... Vale a pena.

DOUTOR GIBBS – Sim, eles terão também uma porção de preocupações, mas isto não é da nossa conta. Que se arrumem. Todo mundo tem direito de ter suas próprias dificuldades. Você

precisa estar presente, Julia, numa ocasião importante como esta. Eu vou chamá-lo. George! Ó George!

GEORGE (Voz fora) – Sim, papai.

DOUTOR GIBBS – Pode descer um minuto? Sua mãe e eu queremos lhe falar.

GEORGE (Voz fora) – Já vou.

SENHORA GIBBS (Dando o braço ao marido) – Meu Deus, como sou tola! Estou tremendo toda. Não há razão para estar tremendo.

DIRETOR DE CENA – Muito obrigado! Muito obrigado! Agora podemos ir adiante com o casamento. **(Enquanto ele fala, os atores removem as cadeiras, as mesas e as grades das casas dos Webb e dos Gibbs. Arrumam os bancos da igreja no fundo do palco: os fiéis sentar-se-ão voltados para a parede do fundo. A nave da igreja fica no meio da cena. Uma pequena plataforma é colocada contra a parede do fundo, na qual o Diretor de Cena ficará como Ministro.)** Há uma porção de coisas a dizer sobre um casamento, há uma porção de pensamentos que surgem durante a cerimônia. Não podemos reuni-los todos num único casamento, naturalmente, menos ainda em Grover's Corners, onde eles são tão curtos e simples. Neste eu representarei o Ministro. Isso me dará o direito de dizer mais algumas coisas sobre ele. Por um momento, a peça se tornará muito séria. Vocês sabem: em algumas religiões o matrimônio é um sacramento. Eu não sei ao certo o que isto quer dizer, mas imagino. Como disse a Senhora Gibbs há alguns minutos, as pessoas foram feitas para viver a

dois. Este é um bom casamento, mas as pessoas são feitas de tal maneira que mesmo num bom casamento há pensamentos confusos, e eu penso que eles devem figurar em nossa peça também. O verdadeiro herói desta cena não está no palco e vocês sabem quem é ele. É como disse um desses europeus: cada criança que nasce é uma tentativa da natureza para construir um ser perfeito. Bem, há algum tempo já vemos que a natureza se esforça e se prepara para isso. Sabemos que a natureza está interessada em quantidade; mas creio que ela se interessa também por qualidades – e é por isso que sou o Ministro. Talvez ela esteja tentando conseguir outro bom governador para New Hampshire. E não se esqueçam das outras testemunhas deste casamento – os antepassados. Milhões deles. Muitos deles acharam que também deviam viver a dois. Milhões deles. Bem, esse foi o sermão. De qualquer forma, não foi muito longo. **(O órgão começa a tocar o *Largo*, de Handel. Os assistentes entram na igreja e sentam-se em silêncio. A Senhora Webb, indo para o seu lugar, vira-se e diz à platéia.)**

SENHORA WEBB – Não sei por que razão eu estou chorando. Sei muito bem que não há motivo para choro. Mas, senti isso na hora do café da manhã. Ali estava Emily comendo, como o fizera por dezessete anos, e agora ela irá embora, para tomar café na casa de outra pessoa. Creio que foi isso. E Emily disse de repente: “não posso comer mais nada”, e pôs a cabeça na mesa e chorou. **(Vai até o lugar onde deverá sentar-se, mas volta e acrescenta.)** Ah, tenho que dizer isso também: vocês sabem – é uma verdadeira crueldade mandarmos nossas filhas para o casamento desse jeito. Espero que alguma de suas

amigas lhe tenha dito alguma coisa. É cruel, eu sei, mas não consegui dizer coisa nenhuma. Eu também me casei cega como um morcego. O mundo inteiro está errado, isto é que é. Aí vêm eles. **(Apressa-se a tomar seu lugar no banco. George vai para frente, descendo pela ala direita do teatro, através da platéia. Repentinamente, três membros do time de beisebol aparecem junto ao pilar, à direita do proscênio, e começam a assobiar e a vaiá-lo aos gritos. Estão vestidos para o jogo.)**

OS JOGADORES – Ei, George, George! Psiu! – Uau! Se as coisas não derem certo: chame pela gente. Nós saberemos o que fazer. Ei, pessoal! Uhu! George: não fique com essa cara de inocente, seu velho malandro. Nós sabemos o que é que você está pensando. Não estrague o time, bichão. Uhu!...

DIRETOR DE CENA – Está bem! Está bem! Chega. Isso é bastante. **(Sorrindo, empurra-os para fora do palco. Eles resistem, para dar mais umas vaias.)** Havia muito disto nos casamentos de antigamente, em Roma, e mesmo depois. Somos mais civilizados agora, é o que dizem. **(O coro começa a cantar *Qual o Adorno desta Vida? É o Amor...* George já alcançou o palco. Fita a platéia por um momento. Dá alguns passos em retirada, para o lado direito do proscênio.)**

GEORGE (Sombriamente, para si mesmo) – Gostaria de estar na escola... não quero me casar. **(Sua mãe deixou o lugar e vem até ele. Pára e o olha ansiosamente.)**

SENHORA GIBBS – George: que é que há?

GEORGE – Mamãe: não quero crescer. Por que todo mundo está me empurrando assim?

SENHORA GIBBS – Mas, George... foi você que quis.

GEORGE – Por que tenho de me casar? Escute mamãe: a última vez que eu lhe perguntei...

SENHORA GIBBS – Não, não, George... você agora é um homem.

GEORGE – Escute mamãe: a senhora nunca me ouviu. Tudo o que quero é ser um sujeito... por quê?...

SENHORA GIBBS – George! Se alguém ouvisse você! Pare com isso. Ora, estou envergonhada por você!

GEORGE (Passando a mão na testa) – Que aconteceu? Parece que estive sonhando. Onde está Emily?

SENHORA GIBBS – Louvado seja Deus! Você me dá cada susto!

GEORGE – Vamos mamãe. Por que está me olhando assim? Vamos: preciso me casar.

SENHORA GIBBS – Deixe-me tomar fôlego.

GEORGE – Agora mamãe, a senhora reserve todas as quintas-feiras à noite. Emily e eu viremos jantar as quintas-feiras... a senhora verá. Mamãe, por que está chorando? Vamos indo, precisamos acabar logo com isso. **(Neste meio tempo, Emily, de branco e usando o véu de noiva, vem através da platéia e sobe ao palco. Ela também recua ao ver as pessoas**

reunidas na igreja. O coro começa a cantar *Abençoados são os Laços...*).

EMILY – Nunca me senti tão só em minha vida! E George, lá adiante, parecendo um... Eu o “detesto”. Antes estivesse morta. Papai! Papai!

SENHOR WEBB (Deixa seu lugar nos bancos e vem até ela, ansiosamente) – Emily! Emily! O que é isso? Não fique nervosa...

EMILY – Mas, papai – eu não quero me casar...

SENHOR WEBB – Psiu... Psiu... Emily. Está tudo em ordem.

EMILY – Por que não posso ficar como estou por um pouquinho só? Vamos embora.

SENHOR WEBB – Não, não, Emily. Pare um pouco e pense.

EMILY – Não se lembra do que costumava dizer – o senhor sempre dizia que eu era a “sua” menina. Existem muitos lugares para onde podemos ir. Vamos embora. Eu trabalharei para o senhor. Cuidarei da casa.

SENHOR WEBB – Psiu. Você não deve pensar nessas coisas. Você está nervosa, Emily. Vamos, o que é isso? Você vai se casar com o melhor rapaz do mundo, George é um ótimo rapaz.

EMILY – Mas, papai...

SENHOR WEBB – George! George! (A Senhora Gibbs volta para o seu lugar. George ouve o Senhor Webb e vira-se para ele. O Senhor Webb faz-lhe um aceno. Dirige-se para o

centro do palco.) Estou lhe dando minha filha, George. Você acha que pode tomar conta dela?

GEORGE – Senhor Webb, eu quero... eu vou tentar. Emily, eu farei tudo o que puder. Eu a amo, Emily. Eu preciso de você.

EMILY – Bem, se você me ama: me ajude. Tudo o que eu quero é alguém que me ame.

GEORGE – Eu o farei, Emily.

EMILY – Mesmo quando eu estiver doente ou preocupada, é o que eu quero dizer.

GEORGE – Eu tentarei Emily. Tentarei.

EMILY – E, para “sempre”. Ouviu? Para sempre... Para sempre... **(Caem nos braços um do outro. Ouve-se a marcha de Lohengrin.)**.

SENHOR WEBB – Venham: estão esperando por nós. Agora vocês sabem que tudo irá bem. Venham depressa. **(George avança e retoma o seu lugar ao lado do Diretor de Cena como clérigo. – Emily segue pela nave da igreja, pelo braço de seu pai.)**.

DIRETOR DE CENA – George: aceita esta mulher como sua esposa, para ser... **(A Senhora Soames, que está sentada no último banco da igreja, vira-se para os vizinhos e, numa voz aguda, diz.)**.

SENHORA SOAMES – Que casamento adorável! O casamento mais adorável que já vi. Oh, eu gosto tanto de um bom casamento, você não? Ela está uma noiva encantadora!

GEORGE – Sim.

DIRETOR DE CENA – E você, Emily, aceita este homem, George, como seu marido?

SENHORA SOAMES – Creio que “nunca” vi outro casamento tão adorável como este. Mas sempre choro. Não sei por que, mas sempre choro. Gosto tanto de ver os jovens felizes, você não gosta também? Oh, eu acho isso adorável! **(O anel. O beijo. O palco é repentinamente envolvido por um silêncio estático. O Diretor de Cena, com os olhos postos na distância, diz à platéia.)**

DIRETOR DE CENA – Uni duzentos casais em minha vida. Acreditam nisso? Não sei. Fulano casa-se com sicrana... milhões deles. O bangalô, o carrinho de bebê, os passeios no Ford aos domingos à tarde, o primeiro reumatismo. Os netos, o segundo reumatismo, o leito de morte, a leitura do testamento – uma vez em mil, isso é interessante. Bom, que venha a *Marcha Nupcial*, de Mendelssohn. **(O órgão toca a marcha. O noivo e a noiva descem pela nave, radiantes, mas tentando parecer sérios.)**

SENHORA SOAMES – Mas não é um par adorável? Oh, nunca estive num casamento tão bonito. Tenho certeza de que serão felizes. Eu sempre digo: “felicidade”, eis o que interessa! O importante é ser feliz! **(O noivo e a noiva alcançam os degraus e dirigem-se à platéia. Um forte jato de luz é lançado sobre eles. Descem até a platéia e correm alegremente pela passagem entre as poltronas.)**

DIRETOR DE CENA – É o fim do segundo ato. Dez minutos de intervalo, pessoal.

ATO III

Durante este intervalo os espectadores vêem os atores arranjando o palco. À mão direita, um pouco à direita do centro, dez ou doze cadeiras comuns foram colocadas em três filas espaçadas, voltadas para a platéia. São as sepulturas do cemitério. Quase terminando o intervalo, os atores entram e tomam seus lugares. A fileira da frente contém, para o lado do centro do palco, uma cadeira vazia; após ela, a Senhora Gibbs; Simon Stimson. A segunda fileira é constituída, entre outros, pela Senhora Soames. Na terceira fila está Wally Webb. Os mortos sentam-se em silêncio e sem rigidez, pacientemente, sem indiferença. O Diretor de Cena toma o seu lugar costumeiro e espera pelo escurecimento da platéia para ir à frente.

DIRETOR DE CENA – Desta vez, meus amigos, nove anos são passados – estamos no verão de 1913. Mudanças graduais em Grover's Corners. Os cavalos rareiam. Os fazendeiros já vêm à cidade em Fords. Que eu possa notar, a maior diferença dá-se com a juventude. Estão sempre querendo ir ao cinema. Querem usar roupas como as que vêem lá... querem viver como gente de cidade... Todo o mundo agora tranca a porta à noite. Ainda não apareceram ladrões por aqui, mas toda a gente fala neles. Mas, vocês ficariam surpresos, pois, apesar de tudo, as coisas

não mudaram muito em Grover's Corners. Percebo que estão querendo saber por que estas cadeiras estão aqui. Os mais atilados já descobriram. Eu não sei o que vocês pensam dessas coisas; mas, de qualquer modo, este é um lugar bonito. É no topo de uma colina – uma colina varrida pelos ventos – muito céu, muitas nuvens – e, na maioria das vezes, muito sol, lua e estrelas. Numa tarde bonita, daqui de cima podem-se ver as fileiras de colinas tremendamente azuis, para os lados do Lago Sunapee e do Lago Winnepesaukee... e, mais para cima, se vocês tiverem binóculo, poderão avistar as Montanhas Brancas e o Monte Washington – lá onde ficam o Conway e o Conway do Norte. E, decerto, a nossa montanha favorita, o Monte Monadnock, bem aqui – e em volta ficam todas as cidades, Jaffrey, Jaffrey do Leste, Peterborough, Dublin e **(apontando para baixo, na platéia.)** lá, bem lá embaixo, fica Grover's Corners. Sim, bonito lugar esse. Loureiros da montanha e lilases. Às vezes fico pensando por que muita gente prefere ser enterrada em Woodlawn ou Brooklyn, quando poderiam passar o tempo aqui em cima, em New Hampshire. Naquele ângulo ali **(apontando à esquerda do palco.)** estão as lajes mais antigas – 1670-1680. Gente de espírito forte que percorreu um longo caminho à procura de liberdade. Os turistas que no verão passam por ali riem das palavras esquisitas das lápides... isso não faz mal nenhum. E os genealogistas vêm de Boston, pagos pelo pessoal da cidade para procurar seus ancestrais. Todos querem ter certeza de que são “filhos da Revolução Americana” e do *Mayflower*... Bem, eu penso que isto também não faz mal algum. Onde quer que se chegue perto da raça humana, ali existirão camadas e camadas de bobagens... Mais adiante estão

também alguns veteranos da Guerra da Secessão. Bandeiras de ferro indicam seus túmulos... rapazes de New Hampshire... tinham a idéia de que a União deveria ser mantida com união embora nenhum deles conhecesse dela mais do que cinqüenta milhas. Tudo o que eles sabiam – amigos -, era um nome: os Estados Unidos da América. Os Estados Unidos da América. E por isso foram e morreram. Esta é a nova parte do cemitério. Aqui está a nossa amiga, a Senhora Gibbs. Deixem-me ver... Aqui está Simon Stimson, organista da igreja congregacional. E aí está a Senhora Soames que gostou tanto do casamento, lembram-se? E mais uma porção de outros. E o filho do Senhor Webb, Wallace, cujo apêndice se rompeu quando ele estava com os escoteiros, numa excursão a Crawford Notch. Sim, uma boa porção de mágoas se reuniu aqui em cima. O povo, cheio de tristeza e dor, trouxe os seus parentes para o alto desta colina. Nós todos sabemos como isso é... e o tempo... os dias ensolarados... e os dias de chuva... a neve... tsk, tsk, tsk. Ficamos satisfeitos por eles estarem num lugar bonito – e para cá viremos todos, quando for chegada a nossa vez. Com toda certeza, este é um dos mais importantes lugares de Grover's Corners. Uma porção de pensamentos vem para cá dia e noite, mas aqui não existe correio. Agora quero dizer umas coisas que já sabem. Sabem tão bem quanto eu, mas certamente não costumam pensar muito nelas nem se preocupar com elas freqüentemente. Não me importa o que dizem – todo mundo sabe que “alguma coisa” é eterna. E não são as casas, nem os nomes, nem a terra ou mesmo as estrelas... todo o mundo sabe, dentro de si mesmo, “alguma coisa” é eterna e que tem relação com os seres humanos. É o que nos afirmam, há cinco mil anos,

todos os grandes povos que passaram, e, entretanto, vocês ficariam surpresos se soubessem quanta gente se esquece disso. Existe alguma coisa profunda e eterna em todos os seres humanos. **(Pausa.)** Vocês sabem muito bem que os mortos não permanecem interessados em nós, os vivos, por muito tempo... Pouco a pouco, eles se desligam da Terra... das ambições que tiveram... dos prazeres que tiveram... das coisas que sofreram... e das pessoas que amaram. Eles vão se soltando da Terra – é justamente isso – vão se soltando. Sim, eles permanecem aqui enquanto sua parte terrena arde e se apaga, e em todo esse tempo vão-se tornando indiferentes ao que acontece em Grover's Corners. Estão esperando. Estão esperando por qualquer coisa que sabem que virá. Alguma coisa grande e importante. Não estarão eles esperando que essa parte eterna que neles existe se revele? Algumas das coisas que vão dizer talvez deixem chocados – mas é assim que isto é, mãe e filha... marido e mulher... amigo e inimigo... dinheiro e miséria... todos esses sentimentos tremendamente importantes vão se empalidecendo aqui. O que é que fica quando a memória se vai, e mais a personalidade, hein, Senhora Smith? **(Olha para a platéia por um instante e depois se vira para o palco.)** Bem! Aí vêm algumas pessoas “vivas”. São Joe Stoddard, agente funerário, inspecionando um túmulo recém-aberto. E vem um rapaz de Grover's Corners, que tinha ido para o oeste. **(Joe Stoddard fica parado no fundo, Sam Craig entra pela esquerda, enquanto o suor corre da testa, pelo esforço da subida, carrega um guarda-chuva e vem para frente.)**

SAM – Boa tarde, Joe.

JOE – Boa tarde, boa tarde. Deixe-me ver: estou conhecendo você?

SAM – Eu sou Sam Craig.

JOE – Você por aqui? Logo você! Eu devia imaginar que você haveria de voltar para o enterro. Você esteve fora muito tempo, Sam.

SAM – Sim, estive fora doze anos. Estou metido em negócios em Buffalo agora, Joe. Mas estava no leste quando recebi a notícia da morte de minha prima e assim aproveitei a ocasião e vim ver o velho lar. Você está com boa aparência.

JOE – Sim, sim, não posso me queixar. Muito amarga a nossa tarefa de hoje, Sam.

SAM – Sim.

JOE – Sim, sim. É o que eu digo: detesto inspecionar isto quando se trata de pessoas jovens. Vejo que você trouxe o guarda-chuva. Vai chover e isto vai se tornar ainda mais triste. Eles estarão aqui em poucos minutos. Eu tive que vir logo para cá hoje – meu filho encarregou-se da casa.

SAM (Lendo os epitáfios) – O velho fazendeiro McCarty, ele sempre me dava uns servicinhos depois das aulas. Tinha lumbago.

JOE (Desce) – Sim, nós enterramos o fazendeiro McCarty aqui, há anos.

SAM (Desce, passando perto dos joelhos da Senhora Gibbs)

– Ora, aqui está a minha tia Julia... eu tinha me esquecido de que ela... decerto, decerto.

JOE – Sim, o Doutor Gibbs perdeu sua esposa dois ou três anos atrás... nessa época. E hoje é outro golpe bem duro para ele também. **(Ficam juntos.)**

SENHORA GIBBS (A Simon Stimson, numa voz serena) – É o filho de minha irmã Carey. Sam... Sam Craig.

SIMON – Chego a me sentir mal quando “eles” andam aqui por perto.

SENHORA GIBBS – Simon.

SIMON – Eles e suas tolices e sua maldita satisfação por estarem vivos.

SENHORA GIBBS – Simon: tenha paciência...

SAM – Eles costumam sempre escolher seus próprios epitáfios, Joe?

JOE – Não... quase nunca. Na maioria das vezes os parentes escolhem...

SAM – Isso não está de acordo com a tia Julia. Já não existem muitas irmãs Hersey agora. Deixe-me ver; onde estão... eu gostaria de ver o túmulo de meu pai e de minha mãe...

JOE – É mais adiante, com os Craig... Avenida F.

SAM (Lendo o epitáfio de Simon Stimson) – Ele era o organista da igreja, não era? Hmmm: bebia um bocado, diziam.

JOE – Ninguém pode falar ao certo sobre ele. Tinha muitas preocupações. Esses músicos não são como nós outros. **(Falando atrás da mão.)** Deu cabo da vida, sabe?

SAM – Oh, foi?

JOE – Enforcou-se no sótão. Tentaram abafar o caso, mas todo o mundo ficou sabendo. A mulher dele casou-se há pouco tempo com o Senador Barstow. Muitas vezes a vi às 11 horas pelas ruas, procurando o marido. Veja só! Agora ela é mulher do Senador Barstow, de Manchester. Ele mesmo escolheu seu epitáfio. Você pode vê-lo aqui. Não é um verso, exatamente.

SAM – É, são notas de música – que quer dizer?

JOE – Ah, isso não sei. Todos os jornais de Boston transcreveram na ocasião.

SAM – Joe: de que ela morreu?

JOE – Quem?

SAM – Minha prima.

JOE – Ah, você não sabe? Houve uma complicação quando ela estava dando à luz uma criança. Deixe ver – hoje é sexta-feira – foi quase uma semana atrás.

SAM (Abrindo o guarda-chuva) – A criança está viva?

JOE (Levantando a gola do paletó) – Não. Era o segundo, parece. Ficou um menino de quatro anos.

SAM – A sepultura será ali?

JOE – Sim, já não existe muito lugar aqui entre os Gibbs e estão abrindo uma nova seção Gibbs, na Avenida B. Você vai me desculpar agora. Eles já vêm vindo.

OS MORTOS (Nada lúgubres e com forte sotaque da Nova Inglaterra) – É bom que chova. É: as coisas já estão inteiramente queimadas. Parece que não vai durar muito. – Lemuel: você se lembra da enchente de 79? Levou embora todas as pontes, só deixou uma. **(Da esquerda para a direita, no fundo do palco, vem uma procissão. Quatro homens carregam um caixão, invisível para nós. Os restantes estão sob guarda-chuvas. Pode-se ver vagamente o Doutor Gibbs, George, os Webb, etc. Eles aglomeram-se em volta de uma sepultura, um pouco à esquerda e atrás do centro do palco.)**

SENHORA SOAMES – Quem é, Julia?

SENHORA GIBBS (Sem levantar os olhos) – É minha nora, a Emily Webb.

SENHORA SOAMES (Um pouco surpresa, mas sem emoção) – Ah! A estrada até aqui deve estar muito lamacenta. De que ela morreu, Julia?

SENHORA GIBBS – De parto.

SENHORA SOAMES – Parto. **(Quase uma risada.)** Já estava me esquecendo de tudo isso! Como a vida é terrível... **(Com um sorriso.)** e maravilhosa!

SIMON (Lançando um olhar para o lado) – Maravilhosa, é?

SENHORA GIBBS – Simon! Lembre-se!

SENHORA SOAMES – Eu me lembro do casamento de Emily. Que casamento adorável! E me lembro dela, lendo o poema da classe no dia da formatura. Emily foi uma das alunas mais brilhantes que já se formaram no ginásio. Eu ouvia o diretor Wilkins dizer sempre isso. Cheguei a visitá-los na fazenda, um pouco antes de morrer. Uma fazenda muito bonita.

UMA MULHER ENTRE OS MORTOS – É na mesma estrada onde nós morávamos.

UM HOMEM ENTRE OS MORTOS – É: justamente perto do terreno de piquenique de Elks. Lembra-se, Joe? Perto do lago aonde íamos no dia 4 de julho. É muito bonita fazenda. **(Ficam quietos, o grupo ao redor da sepultura começa a cantar *Abençoados são os Laços*.)**

UMA MULHER ENTRE OS MORTOS – Sempre gostei desse hino. Estava esperando que eles cantassem alguma coisa.

UM HOMEM ENTRE OS MORTOS – Minha mulher – minha segunda mulher – sabe todas as letras de hino que existem. Ela tem uma memória formidável – ela sabe tudo de cor. **(Pausa. Emily aparece dentre os guarda-chuvas. Usa um vestido branco. Seu cabelo cai nas costas e está preso por uma fita branca, como se fosse uma menina. Ela vem, vagarosamente, contemplando os mortos, admirada, um pouco ofuscada. Pára no meio do caminho e sorri debilmente.)**

EMILY – Olá.

VOZES ENTRE OS MORTOS – Olá, Emily. Olá, Senhora Gibbs.

EMILY – Olá, mãe Gibbs.

SENHORA GIBBS – Emily.

EMILY – Olá. (O hino continua. Emily volta-se para olhar o funeral. Diz, sonhadoramente.) Está chovendo.

SENHORA GIBBS – Sim, eles irão embora logo, querida. Descanse. (Emily senta-se na cadeira vazia, ao lado da Senhora Gibbs.).

EMILY – Parece que foi há milhares de anos desde que... Como parecem tolos. Não precisam ficar assim!

SENHORA GIBBS – Não olhe agora, querida, eles logo irão embora!

EMILY – Oh, eu gostaria de já estar aqui há muito tempo. Não gostaria de me sentir nova aqui. – Como vai, Senhor Stimson?

SIMON – Como vai, Emily? (Emily continua a olhar em torno, com um sorriso pálido e admirado, mas, por um momento, seus olhos não voltam para o grupo do funeral. Como se fosse para apagar de seu pensamento a lembrança desse grupo, ela começa a falar à Senhora Gibbs com um toque de nervosismo.).

EMILY – Mamãe Gibbs, George e eu fizemos daquela fazenda o melhor lugar que já se viu. Sempre nos lembrávamos da senhora. Gostaríamos de poder lhe mostrar o novo paiol e o bebedouro de cimento para o gado. Nós compramos tudo com o dinheiro que a senhora nos deixou.

SENHORA GIBBS – Eu deixei?

EMILY – Não se lembra - mamãe Gibbs – a herança que a senhora nos deixou? Mais de trezentos e cinquenta dólares.

SENHORA GIBBS – Sim, sim, Emily.

EMILY – É: e tem um dispositivo no bebedouro que não deixa transbordar, mamãe Gibbs, e nunca abaixa de certa marca. É ótimo. **(Sua voz se abaixa e seus olhos se voltam para o grupo do funeral.)** Aquilo já não será o mesmo para George, sem eu estar lá, mas é uma linda fazenda. **(Súbito, olha diretamente para a Senhora Gibbs.)** Os vivos não entendem, não é?

SENHORA GIBBS – Não, minha filha – não muito.

EMILY – Até parece que eles é que estão fechados em caixões, não é? Sinto-me como se os tivesse conhecido há mil anos. Meu filho está passando o dia na casa da Senhora Carter. **(Vê o Senhor Carter entre os mortos.)** Oh, Senhor Carter, meu filho está passando o dia em sua casa.

SENHOR CARTER – É?

EMILY – Sim, ele gosta muito de lá. – Mamãe Gibbs, nós temos um Ford também. Nunca dá trabalho, mas eu não guio. Mamãe Gibbs, quando é que passa essa sensação – de ser... um “deles”? Quanto tempo?

SENHORA GIBBS – Psiu! Minha filha: espere e tenha paciência.

EMILY (Com um suspiro) – Eu sei. – olhe: acabaram. Eles vão embora.

SENHORA GIBBS – Psiu! (Os guarda-chuvas deixam o palco. O Doutor Gibbs vem para frente do túmulo de sua mulher e fica parado por alguns instantes. Emily ergue os olhos para ele. A Senhora Gibbs não ergue os olhos.).

EMILY – Olhe: papai Gibbs traz algumas de minhas flores para a senhora. Ele está como o George, não acha? Oh, mamãe Gibbs, antes nunca pensei que as pessoas vivas fossem tão confusas... e que vivessem tão no escuro... De manhã até a noite, é isso o que eles são – confusos. **(O Doutor Gibbs sai.)**.

OS MORTOS – Está um pouco mais frio. – É: a chuva esfriou um pouquinho. Os ventos do leste também esfriaram, não acha? Quando não é chuva é aquela ventania de três dias. Eu penso que o tempo vai limpar antes da noite; é o que acontece sempre. **(Uma grande quietude desce sobre o palco. O Diretor de Cena aparece no pilar do proscênio, fumando. Emily ergue-se abruptamente, com uma idéia.)**.

EMILY – Mas, mamãe Gibbs, a gente pode voltar; pode voltar atrás outra vez... para a vida. Eu sinto. Eu sei que se pode. Porque justamente agora eu estava pensando na... fazenda... e por um momento eu estava lá, e meu filhinho estava no meu colo, evidente como o dia.

SENHORA GIBBS – Sim, decerto, você pode.

EMILY – Eu posso voltar lá e viver todos aqueles dias novamente... Por que não?

SENHORA GIBBS – Tudo o que lhe digo Emily, é que não faça isso.

EMILY (Dá alguns passos na direção do Diretor de Cena) – Mas é verdade, não é? Eu posso voltar lá e viver... lá... outra vez...

DIRETOR DE CENA – Sim, alguns tentaram isso – mas voltaram logo.

SENHORA GIBBS – Não faça isso, Emily.

SENHORA SOAMES – Emily, não vá. Não será o que você pensa.

EMILY – Mas, eu não irei viver num dia triste. Vou escolher um dia feliz. Escolherei o dia em que descobri que amava George. Por que será penoso? **(Eles não respondem. Ela se volta para o Diretor de Cena.)**

DIRETOR DE CENA – Você não viverá, somente; mas ver-se-á vivendo também.

EMILY – Sim.

DIRETOR DE CENA – E enquanto se vê vivendo, você vê as coisas que eles – os de lá – não sabem. Você vê o futuro. Você sabe as coisas que irão acontecer mais tarde.

EMILY – Mas, isso é – doloroso? Por quê?

SENHORA GIBBS – E não é a única razão pela qual você não deva fazer isso, Emily. Quando você já estiver aqui há bastante tempo, você verá que a nossa vida aqui é a esperança de esquecermos tudo aquilo, e pensar somente no que há de vir, e estarmos preparados para o que há de vir. Só daqui a algum tempo você compreenderá isso.

EMILY (Suavemente) – Mas, mamãe Gibbs: como poderei esquecer aquela vida? É tudo o que eu conheço. É tudo o que eu tinha. **(A Senhora Gibbs não responde.)** Simon Stimson, o senhor voltou?

SIMON (Asperamente) – Não.

EMILY – E você, Senhora Soames?

SENHORA SOAMES – Oh, Emily. Isso não é sensato. Realmente não é. Tudo o que podemos fazer é prevenir você. Não será o que você espera encontrar.

EMILY (Lentamente) – Mas é uma coisa que eu devo saber por mim mesma. Escolherei um dia feliz de qualquer modo.

SENHORA GIBBS – Não. Já que é assim, escolha um dia qualquer. Escolha o dia de menor importância da sua vida. E ele, assim mesmo, será importante demais.

EMILY (Ao Diretor de Cena) – Então não poderá ser depois que me casei; ou, então, desde que o nosso filho nasceu. Posso escolher um aniversário ao menos, não posso? – Escolho o meu décimo segundo aniversário.

DIRETOR DE CENA – Está certo. Onze de fevereiro de 1899. Uma terça-feira. – Prefere alguma parte especial do dia?

EMILY – Oh, quero o dia inteiro.

DIRETOR DE CENA – Começaremos pela madrugada. Lembre-se, esteve nevando por uma porção de dias. Mas a neve parou na noite anterior e as estradas começaram a ser desobstruídas. O sol vem vindo.

EMILY (Com um grito) – Ali é a Main Street... e a sorveteria do Senhor Morgan, antes de ser reformada... e ali a cocheira. **(Ela caminha para o fundo do palco.)**

DIRETOR DE CENA – Sim, é 1899. Há catorze anos passados.

EMILY – Oh, esta é a cidade que conheci em menina. E, olhe, ali está a velha cerca branca que ficava em volta de nossa casa. Oh, eu já tinha me esquecido disso! Eu gosto tanto disso tudo! “Eles” estarão lá dentro?

DIRETOR DE CENA – Sim, sua mãe descera daqui a pouco para preparar o café.

EMILY (Suavemente) – Descerá?

DIRETOR DE CENA – E lembre-se: seu pai esteve viajando por vários dias. Voltou no primeiro trem da manhã.

EMILY – Não...?

DIRETOR DE CENA – Ele tinha ido à sua Universidade fazer um discurso – a oeste de Nova York, em Clinton.

EMILY – Olhe: ali está o Howie Newsome. E ali, o nosso Guarda. Mas ele está “morto”, ele “morreu”. **(O Diretor de Cena retira-se para o seu canto. As vozes de Howie Newsome, do Guarda Warren e de Joe Crowell Jr são ouvidas à esquerda do palco.)**

HOWIE – Ô, Bessie! Dia, Bill.

GUARDA WARREN – Dia, Howie.

HOWIE – Já está de pé tão cedo?

GUARDA WARREN – Estive salvando um sujeito, quase morrendo gelado lá no bairro polonês. Estava bêbado e caiu na neve. Pensou que estivesse na cama, na hora que eu o sacudi.

EMILY – Ah, ali vem Joe Crowell...

JOE CROWELL – Bom dia, Senhor Warren. Dia, Howie. **(A Senhora Webb aparece na cozinha, mas Emily não a vê até ela chamar.)**

SENHORA WEBB – Meninos! Wally! Emily!... Hora de levantar.

EMILY – Mamãe, eu estou aqui! Oh, como mamãe parece moça! Nunca pensei que ela tivesse sido tão moça assim. Oh!

SENHORA WEBB – Vocês podem vir e vestir-se aqui, perto do fogão, se quiserem, mas depressa. **(Howie entrou pela Main Street e deixa o leite na porta da Senhora Webb.)** Bom dia, Senhor Newsome. Ui!... Está frio.

HOWIE – Dez abaixo, em meu celeiro - Senhora Webb.

SENHORA WEBB – Imagine! Conserve-se bem agasalhado. **(Ela carrega para dentro as garrafas, tremendo.)**

EMILY (Com um reforço) – Mamãe, eu não encontro em lugar algum a fita azul do meu cabelo.

SENHORA WEBB – Abra os olhos, querida, é só isso. Eu a deixei fora, especialmente para você – em cima da cômoda. Se fosse uma cobra, teria mordido você.

EMILY – Sim, sim... **(Põe a mão sobre o coração. O Senhor Webb vem pela Main Street, onde encontra o Guarda Warren.)**

SENHOR WEBB – Bom dia, Bill.

GUARDA WARREN – Bom dia, Senhor Webb. Levantou-se cedo.

SENHOR WEBB – Sim, estou voltando do Estado de Nova York. Estive na minha velha Universidade. Que é que há de novo por aqui?

GUARDA WARREN – Bem, eu fui chamado esta manhã para salvar um polaco – estava quase morrendo gelado.

SENHOR WEBB – Precisamos noticiar isso no jornal.

GUARDA WARREN – Não foi nada.

EMILY (Suspira) – Papai. **(O Senhor Webb sacode a neve de seus pés e entra em casa.)**.

SENHOR WEBB – Bom dia, mamãe.

SENHORA WEBB – Como foi, Charles?

SENHOR WEBB – Muito bem, acho. Disse-lhes algumas palavras.

SENHORA WEBB – Você viajou sentado no trem, a noite inteira?

SENHOR WEBB – Sim. Não consigo dormir de jeito nenhum num *pulmann*.

SENHORA WEBB – Charles: me parece – nós somos suficientemente ricos para que você possa dormir num trem de vez em quando.

SENHOR WEBB – Tudo bem por aqui?

SENHORA WEBB – Sim – não me recordo de nada muito importante que tenha acontecido. Fez bastante frio. Howie Newsome diz que o termômetro está marcando dez abaixo.

SENHOR WEBB – Sim, é, está mais frio que lá na Universidade. As orelhas dos estudantes estavam caindo. Isso não é coisa que acontece a um cristão. Algum engano no jornal?

SENHORA WEBB – Não – que eu saiba, não. Já tem café pronto. **(Ele sobe as escadas.)** Charles: não se esqueça – é aniversário de Emily. Lembrou-se de trazer alguma coisa para ela?

SENHOR WEBB (Apalpando os bolsos) – Sim, tenho aqui uma coisa...

SENHORA WEBB – Espero que ela goste do meu presente. Custou-me encontrá-lo. Meninos! Aprontem-se depressa! Aprontem-se depressa!

SENHOR WEBB – Onde está a minha menina? Onde está a minha aniversariante? **(Sai pela esquerda.)**

SENHORA WEBB – Não a interrompa agora, Charles. Você poderá vê-la quando descer para o café. Ela já está atrasada. Vamos meninos. São sete horas! Esta é a última vez que eu chamo.

EMILY (Ternamente, mais assombrada que magoada) – Não posso suportar isso. Eles são tão jovens e bonitos. Por que teriam de envelhecer? Mamãe: eu estou aqui... Eu cresci. Eu amo todos vocês, tudo. – Eu não suporto ver todas estas coisas novamente. Ali está a amendoeira. **(Caminha em direção à**

Main Street.) Ali está a sorveteria do Senhor Morgan. E ali o ginásio, sempre ali, sempre. E ali a igreja congregacional, onde me casei! Oh! Meu Deus! Oh! Meu Deus! **(O Diretor de Cena faz-lhe, disfarçadamente, um sinal. Ele aponta para a casa. Ela diz “sim” com os lábios e vai para a casa.)** Bom dia, mamãe.

SENHORA WEBB (Aos pés da escada, beijando-a de maneira convencional) – Bem, agora, querida, parabéns e que este dia se reproduza muitas vezes, com muitas felicidades para minha menina. Algumas surpresas a esperam em nossa cozinha.

EMILY – Oh, mamãe, “não” precisava. **(Lança um olhar angustiado para o Diretor de Cena.)** Eu não posso – não posso.

SENHORA WEBB (Voltada para a platéia, por sobre o fogão) – Mas, seja aniversário ou não, você precisa tomar o seu café devagar para aproveitá-lo bem. Quero que você cresça e seja uma moça bem forte. **(Vai até a escada e chama.)** Wally! Lave-se bem. Está tudo esfriando aqui embaixo. **(Volta para o fogão; de costas para Emily. Emily abre os embrulhos.)** O de papel azul é da tia Carey, e creio que você pode adivinhar quem deixou o álbum de postais. Eu o encontrei no degrau da porta, quando fui recolher o leite – George Gibbs... deve ter vindo bem cedo... e com esse frio... é muito gentil.

EMILY (Para si mesma) – Oh, George! Tinha me esquecido que...

SENHORA WEBB – Mastigue este presunto devagar. Vai ajudá-la a conservar-se bem aquecida hoje.

EMILY (Falando ternamente, mas muito depressa) – Oh, mamãe, olhe para mim por um instante, como se realmente me visse. Mamãe: já se passaram catorze anos. Eu morri. A senhora é avó, mamãe. Eu me casei com George Gibbs, mamãe. Wally morreu também. Mamãe: o apêndice dele arrebentou quando ele estava acampado na excursão a Conway do Norte. Nós sentimos isso tão profundamente – não se lembra? Mas, agora, por um momento, nós estamos juntos. Mamãe, por um momento, nós somos felizes. Olhamos uma para a outra.

SENHORA WEBB – Isso, embrulhado em papel amarelo, encontrei no sótão, entre as coisas de sua avó. Você já tem idade para usá-lo, e penso que vai gostar.

EMILY – E esse é o da senhora. Ora, mamãe, como é bonito. E é justamente o que eu queria. É muito bonito! **(Passa os braços em torno do pescoço de sua mãe. A Senhora Webb continua o trabalho na cozinha; mas mostra-se comovida.)**

SENHORA WEBB – Bem, esperava que você gostasse. Procurei em todos os lugares. Sua tia Norah não conseguiu encontrá-lo em Concord e por isso tive de mandar buscar em Boston. **(Rindo.)** Wally também tem qualquer coisa para você. Ele mesmo fez na aula de Trabalhos Manuais e está muito orgulhoso disso. Não deixe de fazer um barulhão ao recebê-lo. Seu pai também tem um presente para você; eu mesma não sei do que se trata. Psiu – aí vem ele.

SENHOR WEBB (Fora do palco) – Onde está a minha menina? Onde está a minha aniversariante?

EMILY (Falando para o Diretor de Cena) – Eu não posso. Eu não posso continuar. Oh! Oh, vai tudo tão depressa. Nós não temos tempo nem para olhar um para o outro. **(Interrompe-se soluçando. A um gesto do Diretor de Cena, a Senhora Webb desaparece.)** Eu não sabia que era assim. Tudo isso estava se passando e nós nunca percebemos. Leve-me embora para cima da colina, para a minha sepultura. Mas, primeiro, espere! Mais um olhar. Adeus, adeus, mundo. Adeus Grover's Corners... mamãe e papai. Adeus aos tique-taques dos relógios... e aos girassóis de mamãe. E à comida e ao café. E às roupas passadas a ferro e aos banhos quentes... e ao dormir e ao acordar. Oh, Terra, és maravilhosa demais para que alguém te possa compreender. **(Ela olha para o Diretor de Cena e pergunta abruptamente, por entre lágrimas.)** Pode alguma criatura humana compreender a vida, enquanto ela vive, minuto por minuto?

DIRETOR DE CENA – Não. **(Pausa.)** Os santos e os poetas, talvez, um pouco...

EMILY – Estou pronta para voltar. **(Volta para a sua cadeira ao lado da Senhora Gibbs.)** Mamãe Gibbs: eu devia tê-la ouvido. Agora quero repousar um instante. – Oh, mamãe Gibbs, eu vi tudo aquilo. Eu vi seu jardim...

SENHORA GIBBS – Você viu, querida?

EMILY – Como os seres humanos são! Cegos!

SENHORA GIBBS – Olha: o tempo está limpando. As estrelas vão sair.

EMILY – Oh, Senhor Stimson, eu devia ter ouvido o que me disseram.

SIMON STIMSON (Com uma violência crescente, amargamente) – Sim, agora você sabe! Agora você sabe! É isso o que significa estar vivo. Mover-se dentro de uma nuvem de ignorância; ir para cima e para baixo, pisando os sentimentos dos outros... dos outros que a cercam. Gastar e perder tempo como se tivesse um milhão de anos para viver. Ser sempre escravo de uma paixão egoísta, ou outra qualquer. Agora, você sabe – é aquela existência feliz a que você quis voltar para ver. Você gritou para eles? Você os chamou?

EMILY – Sim, eu os chamei...

SIMON STIMSON – Agora, você os viu como são: imersos na ignorância e na cegueira.

SENHORA GIBBS (Ardentemente) – Simon Stimson: esta não é toda a verdade e você sabe disso. **(Os mortos começam a se agitar.)**

OS MORTOS – Lemuel: está começando a ventar, parece. Oh, meu Deus, fico me lembrando das coisas esta noite. Está bastante frio para junho, não acha?

SENHORA GIBBS – Olhe o que você fez: você e este seu espírito rebelde, deixando-nos inquietos. Emily: olhe aquela estrela. Já esqueci seu nome.

OS MORTOS – Já estou conhecendo todas elas, mas não sei os seus nomes. – Meu filho, Joel, era marinheiro – conhecia todas elas. Ele se sentava no portão, à noite, e nos dizia nome por nome. Sim, senhor, aquilo era uma maravilha. – Uma estrela é uma companhia muito preciosa. – Sim, é. – Tem razão.

SIMON STIMSON – Aí vem um “deles”.

OS MORTOS – Engraçado. Não é hora de nenhum deles estar aqui. Credo!

EMILY – Mamãe Gibbs: é George!

SENHORA GIBBS – Psiu, querida. Repouse.

EMILY – É George. (**George entra pela esquerda e lentamente avança para eles.**)

UM HOMEM ENTRE OS MORTOS – E o meu filho Joel – o que conhecia as estrelas – costumava dizer que leva milhões de anos para um nadinha de luz chegar até a Terra. Não é coisa que qualquer um acredite, mas era o que ele costumava dizer: milhões de anos.

OUTRO – É. É o que dizem. (**George atira-se sobre a sepultura de Emily.**)

OS MORTOS – Senhor! Isso não é modo de se portar. Ele devia estar em casa.

EMILY – Mamãe Gibbs?

SENHORA GIBBS – Sim, Emily?

EMILY – Eles não compreendem muito, compreendem?

SENHORA GIBBS – Não, minha filha, não muito. **(O Diretor de Cena aparece à direita, com a mão direita numa cortina escura que lentamente puxa ao largo da cena. À distância, ouve-se um relógio batendo as horas, muito lentamente.)**

DIRETOR DE CENA – Quase todo o mundo já está dormindo em Grover's Corners. Algumas luzes estão acesas: Shorty Hawkins, lá embaixo no depósito, acabou de ver passar o trem de Albany. E, na coqueira, alguém ficou até tarde, conversando. – Sim, o tempo está limpando. Lá estão as estrelas – fazendo seus velhos sinais-da-cruz no céu. Os sábios ainda não decidiram bem isso, mas afirmam que não existe ninguém vivo nos astros. É só pedra... ou fogo. Somente este planeta está se esforçando sempre para fazer alguma coisa de si mesmo. O esforço é tanto que a cada dezesseis horas todo o mundo se deita e quer repousar. **(Dá corda no relógio.)** Hmmm... Onze horas em Grover's Corners. – Vocês devem repousar também. Boa noite.

FIM